



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS
LICENCIATURA EM HISTÓRIA**

NATALIA GONÇALVES DOS SANTOS

**A LUTA FEMININA POR UM ESPAÇO: A (DES)VALORIZAÇÃO DA MULHER NA
VAQUEJADA NORDESTINA NA CONTEMPORANEIDADE**

CAJAZEIRAS – PB

2024

NATALIA GONÇALVES DOS SANTOS

**A LUTA FEMININA POR UM ESPAÇO: A (DES)VALORIZAÇÃO DA MULHER NA
VAQUEJADA NORDESTINA NA CONTEMPORANEIDADE**

Monografia apresentada à disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), do Curso de Licenciatura em História, da Unidade Acadêmica de Ciências Sociais, do Centro de Formação de Professores, da Universidade Federal de Campina Grande.

Orientador: Dr. Francisco Firmino Sales Neto

CAJAZEIRAS - PB

2024

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação-(CIP)

S2371 Santos, Natalia Gonçalves dos.
A luta feminina por um espaço: a desvalorização da mulher na
Vaquejada nordestina na contemporaneidade / Natalia Gonçalves dos Santos.
– Cajazeiras, 2024.
81f. : il.
Bibliografia.

Orientador: Prof. Dr. Francisco Firmino Sales Neto.
Monografia (Licenciatura em História) UFCG/CFP, 2024.

1. Cultura popular - Nordeste - Brasil. 2. Vaquejada. 3. Mulheres
vaqueiras. 4. Desigualdade de gênero. 5. Cultura nordestina. 6. Patrimônio
cultural imaterial. I. Sales Neto, Francisco Firmino. II. Título.

UFCG/CFP/BS

CDU – 316.72(812/813)

Ficha catalográfica elaborada pela Bibliotecária Denize Santos Saraiva Lourenço CRB/15-046

NATALIA GONÇALVES DOS SANTOS

**A LUTA FEMININA POR UM ESPAÇO: A (DES)VALORIZAÇÃO DA MULHER NA
VAQUEJADA NORDESTINA NA CONTEMPORANEIDADE**

Aprovado em: 28/11/2024

COMISSÃO EXAMINADORA

Documento assinado digitalmente



FRANCISCO FIRMINO SALES NETO

Data: 29/11/2024 08:55:26-0300

Verifique em <https://validar.it.gov.br>

Prof. Dr. Francisco Firmino Sales Neto
Orientador

Documento assinado digitalmente



MARIA THAIZE DOS RAMOS LIRA

Data: 29/11/2024 20:57:11-0300

Verifique em <https://validar.it.gov.br>

Profa. Ma. Maria Thaize dos Ramos Lira
Examinadora Externa

Documento assinado digitalmente



ROBERTO RAMON QUEIROZ DE ASSIS

Data: 28/11/2024 23:41:01-0300

Verifique em <https://validar.it.gov.br>

Prof. Ms. Roberto Ramon Queiroz de Assis
Examinador Externo

Profa. Dra. Rosemere Olímpio de Santana
Suplente

CAJAZEIRAS – PB
2024

Ao meu filho Francisco Gonçalves dos Santos
in memoriam

AGRADECIMENTOS

Ao trilhar a longa e desafiadora jornada que culminou na realização deste trabalho, enfrentei mares tempestuosos e montanhas íngremes, nos quais a perseverança e a resiliência foram minhas fiéis companheiras. Cada passo dado, cada obstáculo superado, foi possível graças ao apoio incondicional de inúmeras almas generosas que, com suas palavras de incentivo e gestos de solidariedade, iluminaram meu caminho nos momentos mais sombrios. Este trabalho é um reflexo de uma trajetória coletiva, e é com profunda gratidão que dedico estas linhas àqueles que, direta ou indiretamente, se tornaram pilares fundamentais na construção deste sonho. Sem o alicerce de suas contribuições, este feito não seria possível.

Ao ser mais importante da minha vida, que começou essa jornada comigo, fisicamente, e irá terminar apenas no meu coração, o meu filho, Francisco, que agora é meu anjo da guarda. Se não fosse por você, eu jamais teria chegado aqui, nem seria a mulher que sou hoje. Sempre foi por você e para você, meu amor.

A minha mãe, Marta Goncalves de Lima, por todas as vezes que cuidou do meu filho para que eu pudesse estudar; a meu pai, João Batista dos Santos, e a minha irmã, Raquel dos Santos Goncalves, que trabalharam para que eu conseguisse me dedicar apenas ao meu filho e à faculdade.

Aos meus irmãos, Maria de Fatima Goncalves dos Santos, Jessica Gonçalves dos Santos, Robson Gonçalves dos Santos, José Nélio Felix dos Santos, Angela Diniz dos Santos e José Leandro dos Santos, que sempre me incentivaram a estudar e seguraram minha mão. Em cada crise, tive um deles para me lembrar que iria passar.

A todos os meus sobrinhos que, mesmo com os perrengues do dia, trouxeram-me luz e acalento.

Aos meus amigos que, ao longo dessa jornada acadêmica, me ensinaram, entreteram e tornaram minhas noites na UFCG mais memoráveis, sem ordem de preferência: José Tomaz de Aquino, Carlos Augusto, Igor Lacerda Carneiro (*in memória*).

Ao meu inseparável grupo de estudo e grandes amigos: Luciana Abrantes, minha menina que, com seu jeitinho doce e delicado de uma flor, me ensinou o que era paciência, força e coragem. Damiana Brasil, que me ensinou o que não está escrito nos livros acadêmicos (você sabe o que é, Damy). Teófilo Neto, meu sinônimo

de persistência e superação. E, em especial, a Edson Parente que, na reta final deste trabalho, me ofereceu sua mão para que eu conseguisse seguir em frente durante boa parte da minha trajetória. Meu muito obrigada a vocês, por tudo e por tanto!

Ao meu “coorientador”, amigo, filho, irmão e fiel escudeiro de todos os momentos, Manoel Alves Neto, que, com todo seu jeito, nunca deixou que eu desistisse, mesmo quando parecia ser a única saída. Você não largou a minha mão em nenhum momento, acreditou mais em mim do que eu mesma. Saiba que lhe amo, que essa conquista também tem um pedaço seu porque, quando eu caí, você me ajudou a levantar ou me arrastou até aqui. Então, muito abrigada!

A Júnior Evangelista Alves que, com todos os seus inúmeros puxões de orelhas, sempre acreditou em mim.

A você, tia Ivanilda, minha eterna professora, serei eternamente grata por ter aberto as portas da sua casa no momento mais difícil da minha vida, por ter escutado meus choros e sempre ter o conselho certo na hora certa.

A Damião Batista de Oliveira que aguentou meus dramas e nunca fugiu dos meus surtos, que não importava a hora ou lugar, sempre esteve lá para me lembrar que eu era capaz.

A minha amiga Erlania Silva, que não me deixou desistir de tudo e de mim mesma. Que passou noites em claro ao meu lado, que me ajudou em tantas crises, que cuidou de mim como se cuida de uma filha, que deixou suas dores de lado para me ajudar a carregar a minha.

A todas as vaqueiras desse Brasil, ao qual tive a honra de conhecer ao logo desta pesquisa, em especial a Maria Izabelly Cruz da Silva, Maria Eduarda Silva dos Anjos, Rozimeri Felix (Rosy Dias) e Maria Thais Marques Dantas, que abriram as portas de suas casas e reboques para me receber. Me ofereceram uma sombra em baixo de uma lona sob o sol escaldante de tantas vaquejadas e, nas noites frias, uma dose de *Dreher* para me esquentar. Saibam que vocês são eternas guerreiras e têm meu mais sincero respeito e admiração.

Aos tantos professores que passei ao logo dessa jornada acadêmica, dentro e fora da UFCG. Em especial ao professor Dr. Francisco Firmino Sales Neto, que mesmo com diversos percalços e sumiços, me orientou a chegar aqui. Que muitas vezes me orientou a cuidar primeiro de mim, do meu psicológico e teve toda paciência do mundo comigo.

Por fim, agradeço e parablenizo a mim, que com toda garra e perseverança,

com múltiplos motivos para desistir, acreditei que poderia conseguir concluir essa pesquisa. Escrever os agradecimentos é sinal que eu consegui, que eu venci.

“Pra quem pensa que é fácil, essa é a vida de vaqueiro”

Tarcísio do Acordeon

RESUMO

Este estudo investiga a (des)valorização da mulher na prática da vaquejada no Nordeste brasileiro, especialmente após a elevação dessa atividade à condição de Patrimônio Cultural Imaterial do Brasil, em 2016. A pesquisa aborda os desafios enfrentados pelas mulheres vaqueiras, que incluem a falta de reconhecimento e as barreiras impostas por um ambiente socialmente masculino. A análise das dinâmicas de gênero na vaquejada nordestina revela a persistente desigualdade de gênero e a marginalização das competidoras femininas, destacando a necessidade urgente de promover maior equidade e reconhecimento às vaqueiras. Compreender e valorizar a contribuição das mulheres na vaquejada pode trazer benefícios significativos, como a promoção da igualdade de oportunidades, o respeito à diversidade de gênero e o fortalecimento dos laços com a tradição e a identidade regional. Este estudo sugere que a inclusão efetiva das mulheres na vaquejada é essencial para o desenvolvimento e a sustentabilidade dessa importante prática cultural, promovendo a igualdade de oportunidades e o respeito à diversidade de gênero.

Palavras-chave: Vaquejada; Vaqueiras; Desigualdade de Gênero; Cultura Nordestina; Patrimônio Cultural Imaterial.

ABSTRACT

This study investigates the (de)valuation of women in the practice of *vaquejada* in Brazil's Northeast, especially after this activity was elevated to the status of Intangible Cultural Heritage of Brazil in 2016. The research addresses the challenges faced by women *vaqueiras*, including the lack of recognition and the barriers imposed by a socially masculine environment. The analysis of gender dynamics in Northeastern *vaquejada* reveals the persistent gender inequality and the marginalization of female competitors, highlighting the urgent need to promote greater equity and recognition for *vaqueiras*. Understanding and valuing women's contributions to *vaquejada* can bring significant benefits, such as promoting equal opportunities, respecting gender diversity, and strengthening ties with regional tradition and identity. This study suggests that the effective inclusion of women in *vaquejada* is essential for the development and sustainability of this important cultural practice, fostering equality of opportunities and respect for gender diversity.

Keywords: *Vaquejada*; Women *Vaqueiras*; Gender Inequality; Northeastern Culture; Intangible Cultural Heritage.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
CAPÍTULO I – APONTAMENTOS SOBRE A ORIGEM DA VAQUEJADA E SUA TRAJETÓRIA	19
1.1. A saga de “um” vaqueiro: Surgimento da vaquejada	19
1.2. As transformações da vaquejada: Século XIX – XX e o início de uma prática cultural instituída	24
1.3. Associação brasileira de vaquejada: Normas e regras da vaquejada contemporânea	28
CAPÍTULO II – O BOI VAI À FAIXA: VAQUEJADA COMO PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL DO BRASIL E A INSERÇÃO FEMININA NESSE MEIO ESPORTIVO	34
2.1. Tradição em debate: A controvérsia da vaquejada no cenário jurídico e ambiental	34
2.2. A mulher e os “ismos” na nossa cultura brasileira.....	41
2.3. Uma questão de gênero: O papel do homem e da mulher na vaquejada	44
CAPÍTULO III – ENTRE O PRECONCEITO E A ADMIRAÇÃO: A LUTA DAS COMPETIDORAS PARA SE CONSOLIDAREM COMO VAQUEIRAS	51
3.1. Luta e persistência: O lugar das vaqueiras nas vaquejadas de cajazeiras e sousa, na paraíba	51
3.2. Um evento e um show: Um dia de vaquejada no <i>Estrela Park Show</i>	59
3.2.1. O parque	60
3.2.2. Experiências de um fim de semana: 10ª vaquejada do <i>Estrela Park Show</i> e a pesquisa de campo	67
CONSIDERAÇÕES FINAIS	74
REFERÊNCIAS.....	76

INTRODUÇÃO

A vaquejada ocupa um lugar significativo no cotidiano sertanejo há bastante tempo, como fonte de trabalho e renda, profissão e manifestação cultural. De geração à geração, através da vinculação às rotinas agropecuárias e da inserção em dinâmicas familiares, o desenvolvimento dessa prática e sua disseminação pela oralidade colaboram para a construção de uma identidade cultural para o povo nordestino, nomeadamente sertanejo, mesmo sendo um costume sujeito a modificações ao longo do tempo (Barbosa, 2006).

Reconhecida pela Lei nº 13.364/2016 – posteriormente, alterada pela Lei nº 13.873/2019 – como Patrimônio Cultural Imaterial do Brasil, a vaquejada, atualmente, consiste em um evento esportivo e de lazer, que acontece aos finais de semana, geralmente com duração de dois a três dias¹, em que uma dupla de vaqueiros² montados a cavalo se apresentam em uma arena – conhecida como pista de corrida. Essa dupla tem a função de derrubar um boi, puxando-o pela cauda³, entre as duas faixas com medidas de 9 a 10 metros entre elas. Se a dupla conseguir derrubar o animal entre as faixas, o juiz anuncia que valeu o boi. Caso contrário, é zero boi. Ao final da primeira fase (classificatória), as duplas que validaram todos os bois seguem na disputa. Na fase final, cada boi é eliminatório, vencendo as 10 primeiras duplas que conseguirem validar o maior número de bois.

Em 2016, com a proibição temporária da vaquejada pelo Supremo Tribunal Federal, em virtude do debate constitucional acerca da legalidade da prática diante do trato aos animais, direcionei meu olhar crítico para a modalidade. Por meio de minhas observações e conversas com amigos, parentes e algumas pesquisas na internet, percebi que a legalização da vaquejada era uma questão complexa, visto que, para a vaquejada não ser extinta foi necessário equilibrar o direito do cidadão manifestar sua cultura e o Estado garantir e resguardar os direitos ambientais. Disso nasceu a ideia de estudar e pesquisar algo relacionado à vaquejada.

¹ Há eventos que duram cinco dias, como a vaquejada do Parque Palmeiras, no Estado do Sergipe.

² Os vaqueiros ocupam duas posições, uma é a do vaqueiro puxador, que é a pessoa que tem a função de derrubar o boi, entre as duas faixas paralelas, feitas de cal, no chão da pista de corrida; e o vaqueiro esteireiro é a pessoa que irá auxiliar o primeiro, entregando-lhe a cauda do boi, alinhando o animal na devida posição e certificando, após a queda do boi, se ele está entre as duas faixas.

³ Na atualidade, é fixado um rabo falso nos bovinos, chamado de protetor de cauda.

E assim fiz nas disciplinas de Projeto de Pesquisa, com a pretensão de trabalhar as transformações da vaquejada que ocorreram com sua elevação à Patrimônio Cultural e como essas mudanças afetaram, na prática, os competidores e demais envolvidos no mundo da vaquejada.

Desde muito cedo, vivi e convivi com o mundo da vaquejada. No início, não tinha muito o que discutir, era apenas um esporte que aprendi a apreciar com meus familiares. A maioria das minhas lembranças de infância são relacionadas à vaquejada. Recordo-me de passar os finais de semana nesses eventos. Meu pai, meus tios e irmãos trabalhando no curral; e minha mãe cuidando das filhas e da alimentação dos curraleiros e da barraca, que se tornava nossa casa, todo final de semana. Alguns dos meus tios e um dos meus irmãos corriam na vaquejada. Eu sempre quise andar a cavalo e cresci com a paixão por esse mundo, mesmo sabendo, pelos ensinamentos dos homens da família, que não dava certo eu correr boi.

Na adolescência, com muita insistência e sem muito apoio, comecei a participar de treinos com ajuda de amigos, até sofrer um acidente com o cavalo e ser determinantemente proibida pela minha família de montar, voltando para o local “socialmente aceitável” para as mulheres de vaquejada: meras espectadoras. Mas, até então, isso não me incomodava tanto, pois cresci tão imersa nessas regras e códigos, que naturalizaram em mim a ideia de que correr em vaquejadas era coisa para homens, por requerer força, coragem, bravura e tantos outros atributos ditos masculinos (Barbosa, 2006, p. 48).

Concluídas as disciplinas de Projeto de Pesquisa, já com o TCC em andamento, precisei voltar às pistas para fazer a pesquisa de campo, quando fui a algumas vaquejadas, treinos e haras de colegas. Encontrei algumas mulheres vaqueiras e percebi que tinham até mais apoio da família, amigos e da sociedade para competirem – ao menos, mais do que eu tive 20 anos antes. Mas o que mais me marcou foi, após um acidente do meu irmão, que lhe causou mais sequelas que o meu acidente, ele não foi forçado a desistir. E, ao ser questionado o motivo, a diferença da situação dele e da minha, a resposta foi simplesmente que “eu sou homem e você é mulher”. Ouvi tanto e por tanto tempo que vaquejada é “coisa para homem” que, para mim, isso se tornou, mesmo que inconscientemente, uma verdade absoluta. Mesmo sabendo das lutas feministas, das discussões de gênero, sendo vítima todos os dias do machismo e sexismo da nossa sociedade, ainda muito patriarcal, se tratando de vaquejada, aquilo não me causava estranheza, até aquele momento.

Mas, algo mudou naquele instante. Abandonei a proposta inicial para focar na invisibilidade da mulher na vaquejada. Como e por que encontramos muitas mulheres participando desses eventos, mas poucas são competidoras? E por que essas poucas que competem são tratadas diferentes em relação aos homens? É fato que as mulheres na atualidade ocupam os mais variados cargos, profissões, mas por que parece ser tão natural a ideia de que a mulher não tem “certas habilidades” para praticar a vaquejada?

Sabemos que, por muito tempo, a vaquejada foi praticada exclusivamente por homens. Isso foi um definidor da coragem e bravura do homem sertanejo “no processo de povoamento e colonização do Nordeste” (Barbosa, 2006, p. 21). Na contemporaneidade, o “vaqueiro da fazenda”⁴ se reformulou, dando lugar ao “vaqueiro desportista”. Ao se reformular a ideia do que seria o vaqueiro, agora desportista, perdem-se algumas características que antes se faziam necessárias para se firmar um bom vaqueiro, como a força e bravura, para dar lugar a técnicas. Hoje, a vaquejada não tem gênero, algo impensável no início da prática.

Seguindo pelo viés de que a vaquejada representa parte da cultura sertaneja, uma tradição passada de geração à geração, que representa os costumes e valores de uma comunidade social (Barbosa, 2006; Bezerra, 1978), faz-se necessário destacar o quão amplo é o conceito de cultura. Muito se pesquisa sobre esse campo, mas ainda não se tem um conceito definitivo e/ou os limites para se definir o que é cultura, ou seja, há inúmeros conceitos para o termo, sendo que, muitas vezes, são divergentes.

Nesses termos, pensamos a cultura como uma palavra imprecisa, com muitas definições concorrentes. Pela definição de Peter Burke (2010), ela pode ser entendida como sendo:

Um sistema de significados, atitudes e valores partilhados e as formas simbólicas (apresentações, objetos artesanais) em que eles são expressos ou encarnados. A cultura nessa acepção faz parte de todo um modo de vida, mas não é idêntica a ele (Burke, 2010, p. 11).

⁴ O vaqueiro da fazenda não deixou de existir. Ainda existem os vaqueiros que trabalham em fazendas com a lida do gado e outros trabalhos relacionados à agricultura e à pecuária, mas não necessariamente também são vaqueiros desportistas, como acontecia desde as apartações até o século XX, mais precisamente até 1990 (Barbosa, 2006).

Em sua obra *Cultura Popular na Idade Moderna*, Burke (2010) desenvolve a ideia de que existe uma tentativa de hierarquização cultural entre classe sociais, dividindo a prática cultural em cultura erudita, que seria a cultura da elite, dos letrados, transmitidas nas escolas e faculdades; e a segunda classe, os subalternos, que seria a cultura popular, inscrita na ideia de pertencer a um povo. Essa cultura se revelaria nas canções e contos populares e, principalmente, em festividades (2010, p. 51). Peter Burke (2010) vai trazer essa divisão juntamente com a afirmação de que, essas classes, mesmo hierarquizadas, contavam com trocas culturais, assim sendo, tanto os subalternos quanto a elite dividem elementos da prática cultural.

Já o conceito de tradição, muito utilizado também no decorrer deste trabalho, é visto aqui como tudo aquilo que se “mantém” ao longo do tempo, que são transmitidos de geração a geração, são os “sistemas simbólicos” de um povo, de uma sociedade (Luvizotto, 2010). Um sistema simbólico que se mantém ao longo do tempo, mas que não necessariamente se mantém imutável, pois pode sofrer alterações, ganhar ou perder “elementos” com o passar do tempo: “Entende-se a tradição como um conjunto de sistemas simbólicos que são passados de geração à geração e que tem um caráter repetitivo. A tradição deve ser considerada dinâmica e não estática” (Luvizotto, 2010, p. 2).

Por analisarmos a vaquejada na perspectiva das relações de gênero, isto é, na desigualdade do acesso às práticas culturais em função do sexo entre homens e mulheres, precisamos destacar que entendemos o gênero como uma “categoria transversal na historiografia contemporânea” (Pedro, 2011). Isso significa que as posições sociais ocupadas por homens e mulheres, seja na divisão social do trabalho ou mesmo na possibilidade de experimentar as práticas socioculturais, é uma categoria fundamental para entender o lugar das mulheres na história, especialmente nesse estudo sobre o lugar da mulher na vaquejada. Por essa perspectiva, a prática da vaquejada é por nós analisada para conseguirmos entender como e o quanto a cultura do machismo, do sexismo e do patriarcado ainda é um definidor de parâmetros que buscam determinar qual o lugar e a posição reservadas para as mulheres vaqueiras no sertão.

Como forma de organização, o trabalho foi dividido em três capítulos. No primeiro, que recebeu o nome de *A origem da vaquejada e sua trajetória*, são mapeando os caminhos que a vaquejada percorreu ao longo do tempo até chegar ao que se conhece hoje. Para esse momento, iremos visitar a historiografia disponível

acerca do tema, usando como principais autores, Luís da Câmara Cascudo (2005) e sua obra *Vaqueiros e Cantadores*; Eriosvaldo Lima Barbosa (2006) e seu trabalho *Valeu Boi, O Negócio da vaquejada*; Francisco Jânio Figueira Aires (2008) e seu estudo intitulado de *O espetáculo do "cabra macho": um estudo sobre os vaqueiros nas vaquejadas do Rio Grande do Norte*; Helyanna de Siqueira Pereira (2019) com sua monografia *Pega de Boi no Mato*, entre outros estudos. Na primeira parte, trilhamos o caminho percorrido desde o século XVII-XVIII, quando vamos encontrar os registros das primeiras “pegas de gado” no processo de povoamento e colonização do sertão nordestino e, com isso, o nascimento do vaqueiro. Nesse momento, são abordados os aspectos das pegas de gado e as festas de apartações, no decorrer do século XVIII e início do século XIX.

No segundo momento do primeiro capítulo, teremos o século XIX e XX e o início de uma prática cultural instituída. Nesse ponto, abordamos as mudanças ocorridas no Brasil com o nascimento da Primeira República, o desenvolvimento moderno e o início do processo de industrialização do país, para compreendermos os efeitos destes aspectos para a separação entre as festas de apartações e a vaquejada. Como destaque do século XX, veremos as corridas de mourão, a partir de 1940, que foi o primeiro passo da separação entre as apartações e a vaquejada. E, por fim, a partir de 1990, quando a vaquejada se consolidou como um negócio, com características que conhecemos hoje. Para finalizar o primeiro capítulo, temos as normas e regras da vaquejada contemporânea, firmadas e fiscalizadas pela Associação Brasileira de Vaquejada (ABVAQ).

No segundo capítulo, nomeado como *O boi vai à faixa: vaquejada como patrimônio cultural imaterial do Brasil e a inserção feminina neste meio desportivo*. Para iniciar o capítulo, analisamos o processo jurídico acerca da inconstitucionalidade da Lei cearense nº 13.873 e os debates levantados sobre o assunto que culminaram no reconhecimento da vaquejada como patrimônio cultural imaterial do Brasil. Ainda neste capítulo, fomos tentando mapear os efeitos do machismo, do sexismo e do patriarcalismo, em uma discussão de gênero baseando-se principalmente em Joan Scott (1995) e Simone de Beauvoir (1967). Finalizando o segundo capítulo, buscamos mapear o local reservado para homens e mulheres no mundo da vaquejada.

Para finalizar, o terceiro capítulo ficou denominado de *Entre o preconceito e a admiração: a luta das mulheres competidoras para se consolidarem como vaqueiras*. No tópico primeiro, analisamos principalmente as regras da ABVAQ direcionadas às

categorias e as disparidades dessas regras entre a categoria feminina e as demais categorias. Além disso, é analisado os cartazes de dois parques de vaquejada em busca de mapear qual espaço é reservado às mulheres nas vaquejadas de Cajazeiras e Sousa, na Paraíba. No segundo e terceiro tópicos, para tentar mapear e compreender o cotidiano feminino no mundo da vaquejada, observando as dificuldades sociais enfrentadas e as experiências vividas, aderimos ao estudo de campo e visitamos um evento de vaquejada na cidade de Cajazeiras, acompanhando 4 vaqueiras durante os 4 dias de evento.

De acordo com Alvares e Passos (2009), o aprendiz-cartógrafo vai adentrar ao território e partilhar do cotidiano de um grupo de indivíduos. Nessa perspectiva, o território não é visto aqui como uma extensão de terra, mas sim como um espaço de vivências, “é entendido a partir de um conjunto de procedimentos que podem ser descritos e explicados” (Alvares e Passos, 2009, p. 132), interações que têm como objetivo para o aprendiz, proporcionar a apreciação do modo de viver e/ou encarnar uma percepção do objeto analisado.

Com base na perspectiva de aprendiz-cartógrafo, enquanto metodologia de investigação adotada, inseri-me no dia-a-dia de um grupo de mulheres que há mais de cinco anos almejam conquistar um espaço como vaqueiras no mundo da vaquejada. Esse grupo é composto por quatro mulheres jovens, com idades entre 17 e 25 anos, sendo a maioria da comunidade de Pilões, na cidade de Triunfo, no sertão da Paraíba. As entrevistas realizadas seguiram uma metodologia de cartografia, com perfil etnográfico, no qual buscamos conviver com vaqueiras para, no diálogo ali estabelecido, extrair elementos para reflexão.

Dessa forma, do meu lugar social de praticante da vaquejada e assumindo o lugar de pesquisadora de campo durante as vaquejadas, construo uma reflexão que se propõem a questionar essa (des)valorização da participação feminina em um universo cultural em constante e necessária transformação.

CAPÍTULO I – APONTAMENTOS SOBRE A ORIGEM DA VAQUEJADA E SUA TRAJETÓRIA

A vaquejada é uma prática cultural que faz parte do cotidiano de milhares de nordestinos há séculos. Inicialmente, era uma atividade totalmente masculina, realizada pelos vaqueiros das grandes fazendas de gado, conhecida como as pegas de gado.

Com o decorrer do tempo, essa prática foi se modificando, ganhando e perdendo elementos, fazendo com que, na contemporaneidade, a pega de gado e a vaquejada sejam práticas diferentes. Atualmente, a vaquejada é reconhecida como Patrimônio Cultural e Imaterial do Brasil e considerada por vaqueiros, vaqueiras e simpatizantes como um estilo de vida.

Diante disso, neste capítulo iremos discutir sobre a origem e o surgimento da vaquejada e sua trajetória até os dias atuais, buscando compreender as transformações ocorridas ao longo desses quatro séculos. Como uma prática que começou no século XVII - XVIII enquanto uma atividade ligada à pecuária foi se transformando até se tornar uma prática cultural no século XXI.

1.1. A saga de “um” vaqueiro: Surgimento da vaquejada

A vaquejada é uma prática cultural tradicionalmente nordestina. Sua origem é datada entre os séculos XVII e XVIII com registros das primeiras pegas de gado/apartações. Essa prática primeira surgiu da necessidade de reunir os animais para a conferência ou separação dos rebanhos, que eram criados soltos em amplas extensões de terra.

A ocupação das terras da nova colônia de Portugal na América Portuguesa só foi acontecer de forma mais efetiva a partir de 1530, com o desenvolvimento dos engenhos da cana-de-açúcar. A princípio, essa produção açucareira se firmou no território que posteriormente ficaria conhecido como a região Nordeste do Brasil (Eick Junior, 2018, p. 42). Têm-se registros da produção de açúcar a partir de 1526, produzidos em Pernambuco e Itamaracá (Faoro, 1997, p. 130).

Atrelado a esse povoamento da colônia portuguesa e ao desenvolvimento da economia açucareira, surgiu a presença de animais domésticos, trazidos na

expedição de Martim Afonso, sendo que os bovinos apareceram no território brasileiro a partir de 1534 (Barbosa, 2006, p. 27). Inicialmente, o gado fazia parte dos engenhos, sua utilização era um elemento importante nesse processo, pois utilizam-se desses animais como força de tração para as moendas e transporte da cana-de-açúcar, além de fornecer carne e leite à população (Barbosa, 2006, p. 27).

A pecuária foi se desenvolvendo junto com a produção açucareira no litoral da América Portuguesa, mesmo que de forma secundária, tendo em mente que, através de determinação da coroa portuguesa, a atividade açucareira nesse período deveria ser a prioridade na colônia (Pereira, 2019, p. 15). Com o desenvolvimento da pecuária, a criação de gado atrelada às lavouras do açúcar, se tornou um problema para a coroa, uma vez que os “canaviais foram invadidos por rebanhos bovinos, ou mesmo áreas a princípio destinadas à produção de cana de açúcar passaram a ser utilizadas para a criação de animais” (Pereira, 2019, p. 15).

No limiar do século XVIII, com os problemas acarretados pelo crescimento da pecuária nas fazendas do litoral, para a produção da cana-de-açúcar, “o rei de Portugal proibiu a criação de gado em uma faixa de dez léguas a partir dessa área” (Barbosa 2006, p. 28). Essa proibição, expedida pela carta régia de 1701, fez com que esses animais fossem tangidos para os interiores, onde seriam criados livremente nas grandes extensões interioranas, surgindo daí as fazendas de gado e seus cuidadores, os vaqueiros.

As fazendas de gado do sertão do século XVIII eram apenas grandes extensões de terras, com matas de vegetação natural, sem divisão por cercas, contendo apenas o curral e as casas simples para o senhor da fazenda e seu vaqueiro. Barbosa (2006, p. 29) destaca que:

No sertão do Nordeste os currais de gado espalhavam-se na seguinte maneira: pelo Rio São Francisco, atingindo o interior da Bahia, Sergipe e Ceará; pelo Rio Parnaíba, chegando ao Maranhão e ao Piauí. [...] uma fazenda de gado daquela época era composta por uma casa simples, coberta de folhas de bananeira; toscos currais (a criação extensiva não requeria currais sofisticados); algumas centenas de cabeças de gado; sua área média era de três léguas dispostas ao longo de um curso d'água por uma légua de largura, sendo uma para cada margem.

Pode-se observar que, durante o período tratado, as fazendas apresentavam uma organização distinta da que conhecemos atualmente. Um exemplo disso é a ausência de divisões e estabelecimento de limites territoriais, hoje comumente

realizados pela demarcação com cercas. Pereira (2019, p. 16) afirma que, “Até metade do século XX, a pecuária era desenvolvida em fazendas do sertão (sistema extensivo) que não possuíam demarcações com cercas”.

Segundo Barbosa (2006, p. 32-33), a relação de trabalho nas fazendas de gado tinha diferença do trabalho desenvolvido nas fazendas da cana-de-açúcar. No sertão, partia do vaqueiro a decisão de como organizar a propriedade, como por exemplo, qual a melhor pastagem para os animais se alimentarem durante determinado período. Pastoreava, conferia e tratava das enfermidades dos animais sem uma fiscalização constante dos senhores da fazenda. Enquanto que no litoral a mão de obra era predominantemente escrava, nas fazendas sertanejas o vaqueiro era livre e remunerado.

Para Pereira (2019, p. 15), esses vaqueiros foram os desbravadores do sertão. Em sua maioria, eram ex-escravos, escravos foragidos e/ou mestiços, que viram no sertão uma oportunidade de melhorar suas condições de vida, contando com a proteção do coronel das terras que os empregaria.

Ao adentrarem os sertões, os vaqueiros enfrentavam não apenas o clima árido e a mata espinhosa, mas também eram obrigados a confrontar os nativos, que desde o início da colonização haviam sido forçados a se afastar do litoral (Pereira, 2019, p. 16). De acordo Barbosa (2006, p. 33-34), a vida do vaqueiro era um tanto quanto solitária, pois as fazendas de gado encontravam-se tanto a léguas de distância dos povoados quanto umas das outras. Os donos das fazendas desse período residiam, na sua grande maioria, no litoral ou em centros povoados, deixando totalmente entregues suas propriedades aos vaqueiros. Por isso, havia uma relação de confiança, dando a esse último um prestígio social que não se encontrava nos engenhos (Brito, 2016, p.10 e Barbosa, 2006, p. 32).

O contingente de trabalhadores de uma fazenda, mesmo as de maior porte, não ultrapassava dez empregados, contando com aqueles que desenvolviam trabalhos temporários. Estes, tinham funções, remuneração e condição social distintas do vaqueiro. Arruda (2005, p. 2) discorre sobre a mão-de-obra nessas fazendas apontando que:

A capacidade de oferta de trabalho do criatório de gado do período colonial era extremamente reduzida: ao se constituir o empreendimento, empregava-se um maior número de pessoas; depois de localizadas as terras com pastagens e acostumado o gado à nova

paragem, atividades que demandavam mais gente na sua realização, restavam as atividades típicas do vaqueiro, que se encarregava de todas as tarefas concernentes à criação dos animais, continha uma relação de confiança com o senhor das terras.

A remuneração do vaqueiro ocorria por meio das 'quartas', um sistema em que ele recebia um animal a cada quatro nascidos sob seu comando na fazenda. Esse pagamento era realizado anualmente durante as apartações. De acordo com Barbosa (2006, p. 37) e Pereira (2019, p. 18), esse método proporcionava aos vaqueiros a possibilidade de ascensão econômica e social. Dependendo de certos fatores, os vaqueiros podiam se tornar fazendeiros com os animais que recebiam pelo seu trabalho. No entanto, essa dinâmica mudou no século seguinte, quando os vaqueiros passaram a receber salários fixos.

A apartação fez parte do ciclo do gado e era uma atividade praticada cotidianamente no trabalho das fazendas de gado do século XVIII. Originou-se da necessidade de reunir os animais para contagem, marcação e negociação, atividades essencialmente realizadas ao término da invernada, tal qual afirma Barbosa (2006, p. 38) e Pereira (2019, p. 17).

Bezerra (1978, p. 7-8) relata que os vaqueiros escolhiam propriedades com currais e pátios amplos, capazes de abrigar todos os bovinos. Ao longo da semana de trabalho, eles se dedicavam à apartação e, ao final dessa jornada, celebravam seus feitos, originando as festas de apartação. Ao narrar esse processo, o autor destaca o seguinte:

Para juntar o gado disperso pelas serras, caatingas e tabuleiros foi que surgiu a apartação. Escolhia-se antecipadamente uma determinada fazenda e no dia marcado para a apartação, numerosos fazendeiros e vaqueiros devidamente encourados partiam para o campo, guiados pelo fazendeiro anfitrião divididos em grupos. [...] Ao final da tarde, cada grupo encaminhava o gado através de um vaquejador ou caminho aberto onde conduzia o gado para os currais da fazenda (Bezerra 1987, p. 7).

Durante o manejo, alguns animais reagiam negativamente aos comandos do vaqueiro, exigindo que fossem domados. Para isso, o animal era perseguido e derrubado, puxando-o pelo rabo. O vaqueiro que conseguisse derrubar o boi “traçoeiro” ganhava fama e prestígio, sendo aclamado pelos demais vaqueiros. (Cascudo, 2005, p. 78).

No que corresponde às pegas de boi no mato, podemos dizer que seria a primeira fase das festas de apartação. As pegas de boi tinham a finalidade de rebanhar o gado; a derrubada do boi puxando-o pela cauda não era o objetivo principal. O objetivo era impedir que o animal se evadisse do cerco formado pelos vaqueiros e, assim, seguir até a sede da fazenda onde aconteceriam as apartações.

A busca pelo gado na mata envolvia vários vaqueiros organizados em grupos, cada um com funções específicas. Enquanto algumas equipes 'pastoreavam' os animais encontrados em áreas abertas, outros se aventuravam na mata para continuar a busca. Ao final do dia, todos esses animais eram levados até a sede da fazenda. Durante a caminhada aos currais, os animais que tentavam se evadir do rebanho, eram perseguidos, contidos e peados para que não voltassem a se rebelarem. Bezerra (1978, p. 8) discorre sobre esse momento informando-nos que:

O gado era tangido na base do traquejo, como era chamada a prática ou jeito de conduzi-lo para os currais. Quando era encontrado um barbatão, da conta do vaqueiro da fazenda-sede ou do vaqueiro de outra fazenda, era necessário pegá-lo de carreira. Barbatão era o touro ou novilho que, por ter sido criado nos matos, se tornava bravo. Depois de derrubado, o animal era peado e enchocalhado. Quando a rês não era peada, era algemada com uma algema de madeira, pequena forquilha colocada em uma de suas patas dianteiras para não deixá-lo correr.

Podemos compreender que as apartações foram o segundo momento das pegas de boi, olhando pelo viés de que era o acontecimento que se dava logo após os rebanhos chegarem dos campos. A apartação consistia na separação, cuidado (tratar enfermidades dos animais que se encontravam doentes), marcação, reconhecimento e identificação dos bovinos de suas respectivas fazendas. Esse também era o momento das vendas, trocas e da escolha das reses que cabiam ao vaqueiro por seu trabalho (Barbosa, 2006, p. 37).

Durante todo o século XVIII e até finais do século XIX a vaquejada esteve intimamente ligada à apartação. No entanto, ao decorrer desse tempo, a prática foi se modificando, com a pega de gado ganhando mais visibilidade e adeptos, gradualmente perdendo o caráter de atividade prática de e ganhando ares de festividade, dando os primeiros passos para uma prática cultural instituída pastoreio (Barbosa, 2006, p. 20 e Cascudo, 2005, p. 80).

1.2. As transformações da vaquejada: Século XIX – XX e o início de uma prática cultural instituída

O século XX se iniciou intensificando as mudanças no cenário brasileiro introduzidas no século XIX com o fim da escravidão e o nascimento da Primeira República, impulsionando o país para a modernização (Curi e Saes, 2014, p. 319-321).

A energia elétrica, a rede ferroviária e outros meios de transporte já equipavam o cenário brasileiro nos maiores centros urbanos e, com a chegada dessa modernização e industrialização, intensificou-se esse processo pelas demais regiões do Brasil. Barbosa (2006, p. 39) aponta que essas mudanças políticas, sociais e econômicas que o Brasil vivenciou no século XX “fizeram desse período uma busca messiânica pela inovação”. Desde o surgimento da República, o governo buscou formas de acelerar o desenvolvimento urbano nas principais cidades e capitais, como São Paulo, Rio de Janeiro e Salvador, por exemplo (Curi e Saes, 2014, p. 321).

Essas mudanças causaram estranheza para a elite agrária nordestina que, por muito tempo, viveu imersa em um sistema político, social e cultural agrário, de dominação e poder dos senhores de terras, que estavam a ver seus privilégios ameaçados. Durval Muniz de Albuquerque Júnior, na primeira parte do seu livro *Nordestino: invenção do “falo”, uma história do gênero masculino* (1920-1940), intitulada de *A feminilização da sociedade*, faz uma discussão sobre essas mudanças sociais, vistas pelo autor como a feminilização dos costumes, discutindo no primeiro ponto “o nivelamento social” dos sujeitos (2013, p. 27).

Para discutir sobre esse nivelamento social, Durval Muniz traz além da questão de gênero e o avanço do feminismo no Brasil, as mudanças de costumes que foram aparecendo com a nova ordem política e econômica trazida pela modernização. Essas mudanças representam, para o autor, uma “ruptura” entre o passado e o presente que, consequentemente, acarretaria no fim dos privilégios e hierarquias de poder e status sociais.

Barbosa (2006, p. 39) corrobora com essa ideia de mudanças ocorridas no final do século XIX e início do século XX, de ruptura do passado agrário para a modernidade trazida pela industrialização e o nacionalismo Republicano. Com tantas mudanças, a pecuária no Nordeste desse período também não se manteve inalterada. As fazendas de gado, que antes não tinham fronteiras definidas, foram sendo,

gradativamente, apresentadas ao arame farpado, delimitando seus espaços por uma cerca antes desconhecida.

É nesse contexto moderno que o modelo de criação do gado passou da criação extensiva para o intensivo ou semi-intensivo. No modelo extensivo o animal é criado solto, alimentando-se somente da vegetação natural, enquanto no semi-intensivo o animal se alimenta tanto da vegetação natural, solto no mato, quanto em cercados ou estábulos, com algum tipo de ração que serve como um suplemento alimentar. Por fim, no intensivo, o animal é criado preso, com uma alimentação 100% a base de ração. O gado pé-duro⁵ foi substituído por animais raciados e caros, a indústria frigorífica e de laticínios nasceu, sinalizando o princípio da transformação econômica para o modelo industrial. Para além disso, na agricultura, foi introduzido o cultivo do algodão que, devido às secas no Nordeste, entre finais do século XIX e início do XX, se tornou a atividade agrícola de mais valia no sertão (Aires, 2008, p.79); (Barbosa, 2006, p. 40-41); (Santos, 2017, p. 37). A esse respeito, Cascudo (2005, p. 110) aponta que:

A pecuária possui métodos modernos. Já apareceram veterinários a maioria do gado é “raceado”, filho de reprodutores europeus ou adquiridos em Minas Gerais. Não sabem entender ao “aboio”, Não são bons para *puxar*. São touros pesadões e caros, ciúmes dos seus donos que não desejam ver pernas quebradas em quem lhes custou dinheiro grosso. O algodão assenhorou-se das terras [...]. Recuam os vaqueiros e com eles desaparecem a “gesta” secular e anônima.

Diante de um novo cenário agrícola, as apartações perderam o seu valor como uma atividade pecuária. O manuseio com os novos animais requeria mais habilidade e cuidados, fazendo com que a “puxada de boi” ficasse mais restrita aos pátios das fazendas. De acordo com Aires (2008, p. 78), essa prática, que é denominada de vaquejada de mourão, acontecia no pátio das fazendas, onde os vaqueiros eram desafiados a derrubar o boi puxando pela cauda, em qualquer área do pátio. A princípio, essas corridas eram uma cortesia dos patrões para os vaqueiros que mais se destacavam na captura do gado na caatinga. Pereira (2019, p. 22-23) discorre sobre esse momento, relatando:

⁵ Raça de bovino de pequeno porte, bem adaptada ao clima semiárido.

Assim, após captura do barbatão o vaqueiro teria direito a correr quatro bois no pátio da fazenda, ou seja, quatro carreiras de mourão. Esse tipo de recompensa tornou a captura dos barbatões ainda mais concorridas. Logo, muitos vaqueiros só se interessavam em participar das festas de apartação e recolher o gado se o fazendeiro cedesse alguns animais para correr no pátio. [...] Os desafios ocorriam em uma área das fazendas de chão batido e duro, onde o vaqueiro corria atrás do boi, percorrendo qualquer espaço do pátio. Aquele que se destacasse mais na realização da puxada do boi se tornava o vencedor do desafio.

O vaqueiro aboiador possuía importância nesse contexto das apartações. Seu canto era uma “conversa” com o gado para acalmá-los na condução de um local para o outro. Esse cântico fazia parte do dia-a-dia do vaqueiro (Pereira, 2019, p.18). Na acepção de Diniz (2023, p. 28), o aboiador é classificado como sendo um repentista que entoava versos nas vaquejadas e apartações. Por sua vez, no entendimento de Sautchuk (2009, p.4), o aboio é:

O canto de trabalho de vaqueiro (que pode ser improvisado), utilizado inclusive para reunir o gado no pasto. Duplas de aboiadores adaptam esse tipo de canto para o contexto de espetáculos (especialmente na realização de vaquejadas) e das gravações comerciais. Na cantoria, são utilizadas algumas toadas originárias do aboio, as quais são chamadas de “toadas de vaquejada”.

Torres (2016, p. 50) nos afirma que esses cantos entoados em forma de versos tiveram sua provável origem no norte da África e que possivelmente vieram para o Brasil por meio da Ilha da Madeira, trazidos pelos mouros. Segundo o autor, tais cantos são compostos por melodias vagarosas com “poucos fonemas que são preenchidos por pequenas expressões cantadas lentamente por uma voz encorpada e alta como: Ô boi, Ê Gado manso; Fasta pra lá boi” (Torres, 2016, p. 50).

A vaquejada de mourão ou “competição de mourão” foi o primeiro passo concreto da separação entre as apartações e a vaquejada. Nesse momento, a tarefa já não representava mais uma atividade da lida no cotidiano nas fazendas, e o vaqueiro desportista começa a revelar-se, embora sua lida ainda seja ligada ao tratamento com o gado das fazendas (Barbosa, 2006, p. 21).

As corridas de mourão tiveram seu início no século XX, por volta da década de 1940, e foi se popularizar quando alguns vaqueiros ganharam fama e prestígio com sua destreza na derrubada do boi. Posteriormente, essa prática ganhou um sentido de entretenimento para os fazendeiros e suas famílias. Eram esses fazendeiros que

organizavam as disputas de mourão, geralmente em datas comemorativas, aos finais de semana. Eram feitas apostas entre eles e, para o vaqueiro, cabia-lhe a fama e um prêmio simbólico (Pereira, 2019, p. 23). Mas, a partir de 1950, a ideia de festa de vaquejada foi começando a se moldar. Nesse momento, os cantadores de viola animavam as festas de apartações com suas rimas sobre os momentos vividos ou presenciados, alegrando aquela ocasião (Barbosa, 2006, p. 72).

Entre a década de 1960 e o final da década de 1980, a corrida de mourão adquiriu um caráter esportivo competitivo, sendo praticada não apenas nas fazendas, mas também em pistas dedicadas. Estas pistas eram geralmente corredores longos, simples e sem grandes refinamentos, onde já se delimitavam faixas de disputa. Inicialmente, as faixas tinham seis metros de largura, exigindo dos competidores principalmente força, pois o vaqueiro podia derrubar o boi em qualquer parte da pista, mas precisava arrastá-lo até a faixa ou o mais próximo dela. Posteriormente, foram introduzidas faixas de dez metros, exigindo não apenas força, mas também técnica dos competidores. Nesse período, embora houvesse prêmios e público presente, a corrida de mourão ainda não possuía a mesma visibilidade comercial que tem atualmente (Aires, 2008, p. 58, 59); (ABVAQ, 2022); (Barbosa, 2006, p.42).

Foi a partir dos anos de 1990 que a vaquejada se consolidou como um grande negócio. Com sua nova roupagem, alguns dos seus elementos de antes, das apartações, foram ressignificados ou perderam totalmente o sentido nas vaquejadas contemporâneas, como é o caso do cantador de viola, que “desapareceu”, dando lugar ao forró eletrônico (Barbosa, 2006, p. 73).

Nas vaquejadas contemporâneas, os cavalos bons e bonitos, e os vaqueiros afamados se tornam destaque dentro desse cenário profissional que a lógica de negócio trouxe para essa prática. E, ao falar em “profissionalização da vaquejada”, um dos principais critérios apontados por Barbosa (2006, p. 72) para que a vaquejada assumisse o aspecto profissional é o gado que irá se apresentar. Os animais devem seguir um padrão de tamanho e peso para que, assim, a competição tenha o mesmo grau de dificuldade para os competidores, sendo que, na primeira fase, os bois pesam, aproximadamente, 350 quilos; e na segunda fase cerca de 550 quilos (Barbosa, 2006, p. 72).

No que tange às práticas da vaquejada, é essencial compreendermos melhor o desenvolvimento do forró e seu impacto na cultura musical do Nordeste brasileiro e, de forma mais específica, explorar o fenômeno do forró eletrônico. Esse estilo musical

emergiu no cenário nacional a partir de 1992, sob a influência do empresário Emanuel Gurgel, que encontrou sua primeira expressão na banda Mastruz com Leite. O forró eletrônico é notável por ser uma fusão audaciosa de diversos ritmos e estilos musicais, incorporando elementos do forró nordestino de Luiz Gonzaga, a batida pop de Michael Jackson, a energia do axé baiano e até mesmo a atitude do rock americano. Essa mistura eclética de influências foi habilmente instrumentalizada, resultando em um ritmo completamente novo, que desafiou as convenções musicais tradicionais como pontuam os autores Santos (2017, p. 57) e Lôbo (2014, p. 178). Além disso, ao analisarmos as letras desse gênero, podemos perceber, conforme destacado por Lôbo (2014, p. 175), que:

As letras trazem, na maioria das vezes, o retrato masculino, as figuras representadas geralmente são as do vaqueiro, do peão, daquele homem que quer voltar para o sertão e para seu amor lá deixado; a figura feminina aparece mais nas letras que falam de amor, principalmente quando o homem amado sai do sertão para a capital.

Bandas de forró eletrônico como Cavalo de Pau e Mel com Terra surgiram logo após Mastruz com Leite, substituindo os cantadores de viola. O novo ritmo “representaria” melhor o sentido moderno e de negócio que a vaquejada assumiu dos anos 1990 em diante. Nas palavras de Barbosa (2006, p. 73), “essas bandas dão a vaquejada seu sentido de negócio, inserido na lógica do espetáculo”.

Assim, a vaquejada chegou ao final do século XX sendo uma prática totalmente separada da apartação, comportando toda uma estrutura de lazer imbuída em uma lógica comercial. Todas as mídias atraindo os espectadores para apreciarem o evento, o forró lotando as casas de shows e as novas regras criadas para os competidores e promotores de eventos consolidou a vaquejada contemporânea em um negócio, esporte, lazer e, acima de tudo, uma prática cultural.

1.3. Associação brasileira de vaquejada: Normas e regras da vaquejada contemporânea

Os parques de vaquejada que começaram a irromper a partir de 1990, substituído às pistas de corridas - aquelas construídas por fazendeiros para manter o costume das raízes da antiga apartação - marcaram a transição entre a prática “antiga”

para a atual. A partir da última década do século XX, a vaquejada passou a ser praticada, diante da ótica comercial, em pistas de corrida profissional e arquitetada mediante requisitos técnicos básicos. Na descrição de Barbosa (2006, p.69), essas pistas de corrida são:

Diferentes das pistas de terra batida, com faixa de seis metros, onde os vaqueiros de fazenda capturavam bois e reses tresmalhados, a pista profissional é o local onde uma dupla de vaqueiros derruba o boi. Ela é construída a partir de uma superfície de areia com aproximadamente 40 centímetros de profundidade. O material e a profundidade são requisitos técnicos básicos para construção de pistas profissionais que garantam segurança para cavalos e vaqueiros.

Acerca do lugar, a pista de corrida possui um espaço amplo, entre 150 e 160 metros, que são divididos da seguinte forma: da saída do brete - um corredor estreito, com compartimentos individuais, onde os bovinos ficam confinados momentos antes de serem liberados na pista – até a primeira faixa, a de tolerância, são 10m. São nesses dez primeiros metros que a dupla irá colocar o boi do lado e direção certa para correr rumo a faixa de pontuação – entre a faixa de tolerância e a faixa de pontuação são mais 90 metros contabilizando os 100 metros mínimos. Os outros dez metros são da faixa de derrubada do boi – a faixa são duas linhas, paralelas, marcadas no chão com cal, essa é a área de pontuação. Da segunda faixa até o final da pista são 50/60, é a área de desaceleração – espaço onde o vaqueiro vai diminuindo a velocidade do cavalo até pará-lo (Barbosa, 2006, p. 69).

Nas dimensões de largura, a pista de corrida varia entre 15m e 25m no início (na parte onde está localizado o brete) e 25m a 45m no final (área da faixa de pontuação). Nas laterais da pista, ficam os corredores de retorno⁶, já nas duas extremidades (entrada e saída) os currais para os bovinos. Esses currais são divididos em dois espaços cada um. Nos currais da entrada ficam, no primeiro, os bois que irão entrar no brete, e no outro com os animais de reserva para ocuparem o primeiro curral; os currais da saída, são dois, um com os bois corridos que ainda tem condições de voltar para a pista, e o segundo com os animais que não correram mais no evento.

A cabine de locação (onde fica o locutor, que é a pessoa que narra a corrida, chama e apresenta os vaqueiros que estão competindo) se localiza na parte de

⁶ Os retornos são os espaços, por fora da pista, contendo aproximadamente 2m de largura, por onde os bois e as duplas devem retornar para o início para correrem novamente quando chegar sua vez.

entrada da pista, e a do juiz (onde o juiz que avalia se o boi valeu ou não) fica bem entre as faixas de pontuação. Essas cabines são uma estrutura elevada, para dar visibilidade privilegiada da pista (Barbosa, 2006, p. 70); (ABVAQ, 2022).

A fim de garantir a segurança dos competidores, é essencial que a pista de corrida seja revestida com uma camada de areia, criando um acolchoamento eficaz com uma espessura mínima de 40 centímetros. Esse revestimento tem como objetivo principal absorver o impacto gerado pela queda do boi durante o evento de corrida. Dessa forma, é possível minimizar o risco de lesões e proporcionar um ambiente mais seguro para os envolvidos (Barbosa, 2006, p. 69); (ABVAQ, 2022).

No tocante a organização do evento, Barbosa (2006, p. 71, 72) elenca quatro grupos de comissões que fazem parte dessa organização, sendo elas: a comissão dos calzeiros, uma equipe responsável por manter as faixas sempre “acesas” durante o evento; a comissão de filmagem, responsável pela filmagem da corrida, em que a principal função é usar essas imagens para comprovar, caso haja dúvidas, se o julgamento “zero” foi justo ou não; a comissão julgadora, composta pelos juízes que analisam os pontos das equipes; e a comissão de curral, que se refere às pessoas responsáveis pelos bovinos na pista (entrada e saída), além de julgar se o boi que está para ser liberado para a dupla da vez competir corre ou não.

Essas comissões e organizações citadas por Barbosa (2006) fazem parte das regras gerais necessárias para que o evento da vaquejada aconteça no âmbito comercial. De acordo com Barreiro Júnior (2000, p. 18), o regulamento da vaquejada começou a despontar ainda nas corridas de mourão, lá no século XX, por volta da década de 1960-1970, quando foi criado por alguns vaqueiros com o intuito de tornar a vaquejada:

Uma prática esportiva e não uma brincadeira nos serviços de campo, era preciso criar um regulamento que tivesse credibilidade e fosse rigorosamente cumprido pela categoria disposta a competir. [...] as primeiras normas, estabeleceram as primeiras regras, tornando a queda do boi um desafio cada vez maior para os seus praticantes.

Em 2000, com o início do novo milênio, começaram a surgir os regulamentos que regem os circuitos de vaquejada, sendo que cada circuito dita suas próprias regras para a competição, como é o caso do Circuito Mastruz com Leite de Vaquejada e o Circuito Nacional ABQM – Associação Brasileira de Criadores de Quarto de Milha,

que tiveram seu primeiro evento em 2000. No entanto, esses regulamentos seguiam regras gerais que se encontravam em todos os regulamentos:

Que exige uma faixa de 10 metros, intocável, uma pista de no mínimo 100m e ainda mantém a pontuação dos bois, devendo o vaqueiro na derrubada do boi fazer com que o mesmo levante ainda as 4 patas dentro da faixa e se levante ainda no mesmo espaço. Só permite uma inscrição por vaqueiro e traz algumas penalidades. Mas como em todo esporte a evolução natural exige mudanças, ainda hoje alguns campeonatos trazem suas próprias determinações (Barreiro Junior, 2000, p. 18-19).

Foi nesse contexto que surgiu a Associação Brasileira de Vaquejada (ABVAQ), uma associação brasileira de pessoa jurídica de direito privado, criada em 28 de setembro de 2007. De início, a sede era itinerante, se estabelecendo no local de residência do presidente que estivesse à frente da associação no momento. Posteriormente, essa disposição foi modificada pelo Estatuto, fixando a sede da associação na cidade de João Pessoa, capital da Paraíba.

Atualmente, a ABVAQ organiza, seleciona e qualifica os *rankings*, circuitos de Copa de Vaquejada, dessa forma, dando reconhecimento e “prestígio” aos competidores mais bem pontuados do ano, influenciando assim, o fortalecimento e crescimento das vaquejadas chanceladas. (ABVAQ 2023).

A Associação também é responsável pelo Regulamento Geral da Vaquejada, no qual estão dispostas todas as regras e normas oficiais que regem a prática da vaquejada, com reconhecimento no Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA). A ABVAQ é a Associação na defesa (*Amacus Cureai*) direta de várias ADI's (Ações Direta de Inconstitucionalidade) levantadas, desde 2013, contra Estados Brasileiros, revogando leis estaduais que regulamentam a vaquejada nos estados (ABVAQ 2023).

Na atualidade, a vaquejada acontece entre três a quatro dias. Começando na quinta/sexta-feira e terminando na manhã da segunda-feira. O último dia é reservado para a disputa com as equipes finalistas, enquanto que os demais dias são para a corrida das senhas por cada uma das categorias. Cada competidor e cavalo só podem correr até duas ou três senhas. Se registrar com seu nome, da sua montaria e sua representação, ficando terminantemente proibido trocar seu animal após iniciar a corrida. O descumprimento de qualquer cláusula do regulamento fará com que a equipe seja desclassificada.

A equipe é composta por um vaqueiro puxador (responsável por derrubar o boi puxando pela cauda na faixa de pontuação) e um vaqueiro esteireiro (auxiliador do vaqueiro puxador durante a corrida). Esses dois profissionais devem entrar na arena de competição pela cancela na lateral esquerda, na parte superior da arena, quando forem chamados pelo locutor, tendo apenas um minuto de tolerância para se apresentarem na pista (caso não aconteça, a dupla vai para o retorno) se posicionar na cancela da saída do brete para iniciar a corrida da vez.

Após estarem os três na arena (vaqueiros e boi) é o momento de “aprumar” a carreira e descenderem em direção a faixa. Nesse trajeto, o esteireiro deve ajudar o puxador a colocar o boi na devida posição (na lateral esquerda ou direita da pista, depende de qual lado o puxador corre) pegar o protetor (atualmente os bovinos correm com um rabo artificial fixado a sua calda), entregar ao puxador e ajudá-lo a passar a volta (o puxador corre com uma luva específica, onde será enrolado o rabo/protetor do boi para auxiliá-lo na hora de derrubar o animal na faixa).

Ao chegar à faixa, o puxador deve forçar o boi a cair, entre as duas faixas. Neste momento, o esteireiro deve corrigir o boi para que ele não queime nem uma das faixas (na linguagem da vaquejada, queimar é levantar com alguma pata em cima ou fora da faixa). E nesse ponto o julgador dirá se o boi foi válido, ou não, somando pontos para a etapa final, a disputa, ou desclassificando quem não atingiu a pontuação mínima.

Os pontos serão válidos se o bovino cair dentro da faixa, retirando as quatro patas do chão e, ao levantar, ainda continue dentro das linhas brancas, somando o total válido de bois, que pode ser de três, quatro ou seis bois, escolha que fica a critério do promotor do evento. Enquanto que na disputa, cada rodízio é eliminatório, chegando ao final com apenas um rodízio que contenha as duplas com a maior pontuação que já estarão dentro das vagas. Assim, competirão agora apenas pela colocação que irá do 1º ao 10º lugar (geralmente são dez vagas para os colocados, mas isso não é uma regra, vai depender da opção do promotor do evento).

O regulamento visa unificar as regras da vaquejada em todo território nacional como também as:

Normas de realização dos eventos, de bem-estar animal, além de definir procedimentos e estabelecer diretrizes garantidoras do bom andamento do esporte, através do controle e prevenção sanitário-

ambientais, higiênico-sanitárias e de segurança em geral. (ABVAQ, 2023).

A seção I do regulamento versa sobre a definição e conceituação de expressões próprias para a modalidade, que possam ser entendidas em qualquer parte do país. Na seção II, está disposto no Art. 4, às classes dos competidores, que estão divididas em quatro categorias: aspirante, amador, intermediário e profissional; já no parágrafo 5º dispõe sobre a categoria feminina. Do Art. 5º em diante está disposto sobre a organização do evento referente ao momento da corrida em si; nas seções IV e V, trata-se sobre as diretrizes do julgamento da corrida e dos profissionais que trabalham nos eventos cancelados; nas demais seções (VI, VII e VIII) estão dispostas, respectivamente, sobre a fiscalização e as condutas proibidas no esporte, as normas do bem estar animal e, por fim, equipamentos de proteção e cuidados médicos. (ABVAQ, 2023).

Como podemos perceber, as regras da prática da vaquejada sofreram inúmeras mudanças ao longo das décadas. E aos poucos foi se distanciando da sua origem, chegando hoje a ser uma atividade completamente diferente do início (século XVII-XVIII). Para Cascudo (2005, p. 80), “não há ‘apartação’ sem vaquejada, mas são atos diversos”. Uma prática que no início era aberta apenas para o universo masculino, nas vaquejadas contemporâneas as vaqueiras vêm tentando ganhar um espaço no esporte.

E foi dentro desse discurso da vaquejada contemporânea, que surgiu o debate jurídico, os ambientalistas questionam a prática da vaquejada, alegando que essa prática devia ser extinta por provocar maus tratos aos animais envolvidos. Assim, mais uma vez, a vaquejada precisou se ressignificar para manter sua legitimidade.

CAPÍTULO II – O BOI VAI À FAIXA: VAQUEJADA COMO PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL DO BRASIL E A INSERÇÃO FEMININA NESSE MEIO ESPORTIVO

A vaquejada que, desde o século XVIII, era praticada nas fazendas, apenas por homens e com menor impacto econômico, foi se modificando e chegou à contemporaneidade totalmente reformulada. Com outras características e ressignificações, foi sendo transformada, assumindo o status de tradição cultural nordestina com a elevação a Patrimônio Cultural Imaterial do Brasil. Posteriormente, obteve o reconhecimento como Manifestação Cultural Nacional, de Bens de Natureza Imaterial integrantes do patrimônio cultural brasileiro.

Na contemporaneidade, a vaquejada é uma prática apta a todos os sexos e para todas as idades. Assim, não é mais uma prática exercida apenas por homens vaqueiros, visto que mulheres, crianças/jovens⁷ e não profissionais podem competir em provas de vaquejada. Com o reconhecimento, sua prática estava resguardada, conferindo o direito a todos de exercerem-na legalmente, por ser uma manifestação cultural.

À vista disso, neste capítulo, iremos abordar o debate jurídico, no qual ocorreram conflitos entre praticantes e defensores da vaquejada versus ambientalistas e críticos não simpatizantes dessa prática, que levou, mais uma vez, a vaquejada a ser ressignificada. Para além do debate jurídico, para entendermos a posição que mulheres e homens exercem no mundo da vaquejada, se faz necessário compreendermos qual o lugar social que a mulher ocupou, e ocupa, na sociedade. Questionarmos uma estrutura social que a aprisiona a mulher na posição de inferioridade em relação ao homem para, assim, entendermos os papéis sociais reservados para os homens e para as mulheres competidoras nas vaquejadas contemporâneas.

2.1. Tradição em debate: A controvérsia da vaquejada no cenário jurídico e ambiental

⁷ No regulamento Geral da Vaquejada não tem a categoria específica para as crianças e adolescentes, no entanto, na maioria das vaquejadas chanceladas, é ofertada uma categoria mirim e/ou jovem com idade até os 14 anos. Essa categoria faz parte do ranking ABVAQ denominada como Categoria Mirim.

Em 2016, um fato chamou a atenção da mídia e da população em geral: a proibição da vaquejada por meio da Ação Direta de Inconstitucionalidade nº 4.983 (ADI 4.983). Os vaqueiros, equipes de curral, donos de parques de vaquejada, comerciantes, artesãos, enfim, grande parte das pessoas que habitam o mundo da vaquejada, direta ou indiretamente, se viram em uma situação incomum até então: a vaquejada passou de uma “simples” festa tradicional, até o momento sem muita importância legal, para uma prática inconstitucional.

Tudo “começou” em 08 de janeiro de 2013, no estado do Ceará, quando foi sancionada a Lei Estadual nº 15299, que regulamentou a vaquejada como prática desportiva e cultural do Estado:

O Governador do Estado do Ceará. Faço saber que a Assembleia Legislativa decretou e eu sanciono a seguinte Lei:

Art. 1º. Fica regulamentada a vaquejada como atividade desportiva e cultural no Estado do Ceará.

Art. 2º. Para efeitos desta Lei, considera-se vaquejada todo evento de natureza competitiva, no qual uma dupla de vaqueiro a cavalo persegue animal bovino, objetivando dominá-lo.

Em outubro do mesmo ano, a Procuradoria-Geral da República (PGR), na pessoa de Rodrigo Janot Monteiro de Barros, Procurador-Geral da República na época, entrou com o pedido de medida liminar, requerendo ao Supremo Tribunal Federal, a suspensão da Lei nº 15299. A Procuradoria-Geral se justificou a partir do argumento de que a vaquejada, como prática desportiva/cultural, “fere a proteção constitucional ao ambiente por ensejar danos consideráveis aos animais e tratamento cruel e desumano às espécies que dela participam” (Brasil, 2013, p. 2).

O Procurador-Geral da República, Rodrigo Janot, ainda acrescentou no documento que não seria a primeira vez que o Supremo Tribunal Federal, no embate entre manifestações culturais e maus-tratos aos animais, primava pelos direitos dos animais. Segundo o Procurador-Geral, outras vezes em que a Legislação dos Estados feriu a Legislação Federal, ao pretender legitimar práticas culturais que provocavam danos aos animais envolvidos, foram derrubadas tais leis, exemplificando com o caso do Estado de Santa Catarina, com a farra do boi; e dos Estados do Rio de Janeiro e Mato Grosso, com as rinhas de galo (Brasil, 2013).

Em agosto de 2015, o Supremo Tribunal Federal deu início ao julgamento,

tendo sua bancada composta da seguinte forma:

Relator: min. Marco Aurélio; Repte.(s): Procurador-Geral da República; Intdo.(a/s): Governador do Estado do Ceará; Adv.(a/s): sem representação nos autos; Intdo.(a/s): Assembleia Legislativa do Estado do Ceará; Adv.(a/s): sem representação nos autos; Am. curiae.: Associação Brasileira de Vaquejada – ABVAQ; Adv.(a/s): Antônio Carlos de Almeida Castro; Adv.(a/s): Roberta Cristina Ribeiro de Castro Queiroz (Brasil, 2015, p. 3).

Nesse primeiro momento, agosto de 2015, o julgamento ocorreu com votação acirrada entre os ministros. O PGR-Rodrigo Janot e o relator Marco Aurélio de Moraes favoráveis à Ação Direta de Inconstitucionalidade e os ministros Edson Fachin e Gilmar Mendes ficaram pela improcedência da ADI, até o ministro Roberto Barroso pedir vistas ao processo. Com isso, o julgamento foi paralisado, tendo a votação sido adiada aos doze de agosto de 2015 e retomada apenas aos dois de junho do ano seguinte.

Em junho de 2016, o Supremo Tribunal Federal retomou os trabalhos para dar prosseguimento ao processo da ADI 4.983. No entanto, a sessão foi adiada novamente por mais um pedido de vista, desta vez solicitado pelo ministro Dias Toffoli. Após um debate acalorado entre os ministros do Supremo, com suas opiniões divididas durante a votação, a sessão chegou ao fim da seguinte forma:

Após os votos dos Ministros Roberto Barroso, Rosa Weber e Celso de Mello, julgando procedente o pedido formulado na ação, e os votos dos Ministros Teori Zavascki e Luiz Fux julgando-o improcedente, pediu vista dos autos o Ministro Dias Toffoli (Brasil, 2016, p. 115).

Após 14 meses de julgamento, entre recessos, enérgicas discussões e opiniões divididas, em 06 de outubro de 2016, o Supremo Tribunal Federal (STF) julgou e decidiu pela inconstitucionalidade da referida Lei cearense. A votação foi acirrada, dos 11 ministros presentes na sessão parlamentar, os seis votos que decidiram pela inconstitucionalidade da Lei defenderam (e foi o que prevaleceu) que a Lei não era aceitável devido ao seu teor, na íntegra, ir contra a Constituição Federal. Segundo a qual, embora o direito a prática, manifestação e manutenção da cultura seja garantida pela Legislação Brasileira para todos os seus cidadãos, nenhuma prática deveria ser firmada em cima de maus-tratos aos animais (Brasil, 2016).

Para os ministros que seguiram o posicionamento do PGR Rodrigo Janot, era

dever do Estado garantir o equilíbrio e zelar pelo meio ambiente. Culturas nocivas, no entender desses parlamentares, como era o caso das rinhas de galo e da farra do boi, não deviam e não foram preservadas. De igual maneira, deveria ocorrer com a cultura da vaquejada, visto que o sofrimento e maus-tratos dos animais envolvidos era intrínseco nessa prática (Brasil, 2016).

Em contrapartida, os cinco parlamentares que votaram pela constitucionalidade da Lei defenderam o argumento de que se tratava de uma manifestação cultural referente à tradição e à identidade de um povo. Além do mais, seria geradora de renda e emprego para muitas famílias em uma parte do país mais atingida pela pobreza.

Os parlamentares que apoiaram a improcedência da ADI 4.983 alegaram que os maus-tratos que supostamente existiam na prática da vaquejada não eram comprovados e, se/quando existiam, eram uma exceção e não regra. Sendo então, completamente diferente das rinhas de galo, por exemplo, em que os animais eram postos em uma arena para duelarem entre si, até a morte ou até um deles ser mutilado e levado à exaustão (Brasil, 2016).

Na vaquejada seriam tomadas medidas para que não houvessem danos aos animais envolvidos, e essa era justamente a intenção da Lei cearense, não apenas o reconhecimento da prática como bem cultural do Estado (Brasil, 2016). No entanto, a jurisprudência concluiu o julgamento, presidido pela Ministra Carmem Lúcia, com a decisão de:

O Tribunal, por maioria e nos termos do voto do Relator, julgou procedente o pedido formulado para declarar a inconstitucionalidade da Lei nº 15.299/2013, do Estado do Ceará, vencidos os Ministros Edson Fachin, Gilmar Mendes, Teori Zavascki, Luiz Fux e Dias Toffoli. Ausentes, justificadamente, os Ministros Celso de Mello e Gilmar Mendes, que proferiram votos em assentada anterior (Brasil, 2016, p. 149).

Como pode-se perceber, o cerne da ação baseou-se na Carta Magna, *in verbis*. Segundo os ambientalistas, o Procurador-Geral e demais ministros contrários à prática, a vaquejada causaria maus-tratos aos animais e, portanto, deveria ser proibida, tendo em vista o disposto no Art. 225. s 1º do parágrafo VII da Constituição Federal:

Art. 225. Todos têm direito ao meio ambiente ecologicamente equilibrado, bem de uso comum do povo e essencial à sadia qualidade

de vida, impondo-se ao poder Público e à coletividade o dever de defendê-lo para as presentes e futuras gerações. s1º Para assegurar a efetividade desse direito, incumbe ao poder público:

VII - proteger a fauna e flora, vedadas, na forma da lei, as práticas que coloquem em risco sua função ecológica, provoquem a extinção de espécies ou submetam os animais à crueldade.

Por sua vez, os defensores da modalidade desportiva argumentaram que a vaquejada, além de ser a fonte de renda de milhares de famílias nordestinas, sua prática consiste numa manifestação cultural popular e que o direito dessa prática é assegurado por lei no artigo 215, s1º da Constituição Federal:

Art. 215. O Estado garantirá a todos o pleno exercício dos direitos culturais e acesso às fontes da cultura nacional, e apoiará e incentivará a valorização e difusão das manifestações culturais.

s1º o estado protegerá as manifestações das culturas populares, indígenas e afro-brasileiras e das de outros grupos participantes do processo civilizatório nacional.

A inconstitucionalidade da Lei nº 4.983 e, portanto, a proibição da prática se aplicava apenas ao Estado do Ceará. Mesmo que em outros estados tivessem ou viessem a promulgar a mesma lei, para que fossem impugnadas, teriam de ser julgadas, independentemente, seguindo o mesmo processo do Ceará (Vieira e Piccinni, 2020, p. 243). Os debates acerca da proibição se alastraram por outros estados brasileiros, dividindo as opiniões públicas. Durante os meses de julgamento, a população envolvida com a vaquejada esteve em frenesi, seguindo a dualidade entre legal e ilegal, valor cultural e preservação do meio ambiente, a crueldade e má informação (muitos alegam que não existe crueldade, isso é opinião de quem não tem conhecimento de causa) (G1, 2016).

No âmbito popular, os defensores da vaquejada, diante do cenário jurídico em torno da prática e os discursos midiáticos, uma semana após a decisão de inconstitucionalidade, aconteceram protestos em várias cidades do país em prol da vaquejada (G1, 2016). Em 25 de outubro de 2016, foi a vez dos manifestantes protestarem no Distrito Federal. De acordo com o noticiário da época, havia representantes de todas as partes do país e o manifesto contou com aproximadamente 1500 cavalos e mais de 5.000 vaqueiros (G1, 2016).

O poder legislativo começou a trabalhar para que a prática da vaquejada não fosse extinta. Após o julgamento do caso do Ceará, surgiram alguns Projetos de Lei,

o 24/2016, da Câmara dos Deputados (sancionada e transformada na Lei 13346/2016), os 377/2016 e 378/2016 do Senado, ambos (PLS) com a proposta de qualificar a vaquejada como patrimônio cultural brasileiro. A PEC 50/2016 que, se aprovada, asseguraria constitucionalmente a prática da vaquejada no país, desde que houvesse em lei específica, garantindo o bem-estar animal (Brasil, 2016).

Ao final de 2016, a vaquejada foi elevada à condição de manifestação cultural nacional e patrimônio cultural e imaterial do Brasil pela Lei Federal nº 13.364/2016, portanto, o cidadão teria direito à prática por ser uma manifestação cultural. No entanto, essa elevação por si só não resguardava o direito da prática diante da “ameaça” de maus-tratos, uma vez que estava em pauta dois direitos legalmente constituídos, como bem explica Vieira e Piccini (2020, p. 257):

Quando dois princípios forem considerados equivalentes em abstrato, terá prevalência, no caso concreto, aquele que tiver maior peso diante das circunstâncias, não havendo que se falar na atribuição de prioridade absoluta de um sobre o outro.

Destarte, a modalidade desportiva seguiu promovendo eventos e girando a economia do Nordeste e do Brasil. Conforme dados apontados pela ABVAQ, em 2016, a vaquejada movimentou uma estimativa de 60 milhões de reais. Gerando 600 empregos diretos e mais 100 empregos indiretos, promovendo 4.000 vaquejadas canceladas, sendo 60 delas com prêmios totais de R\$150 mil (ABVAQ, 2017).

Como podemos constatar, a vaquejada possui considerável relevância para a economia do Brasil, além do seu valor social, tendo em vista a geração de empregos e renda para o Nordeste. A vaquejada gera empregos tanto diretamente, com o evento em si (corrida), quanto indiretamente, com os aparatos ligados a ela, seus lucros chegam à casa dos seis dígitos anualmente. A esse respeito, Linhares e Sousa (2020, p. 8-9) sustentam que:

Além de competições envolvendo a prática da vaquejada, há leilões de cavalos, shows musicais, escolha do rei e da rainha da vaquejada, entre outras atividades, que funcionam como um atrativo para o aquecimento da economia local no período em que estas festividades acontecem. Entre premiações, shows e publicidade, estima-se que as festas oferecem um retorno financeiro que gira em algo em torno de R\$50.000.000,00 (cinquenta milhões de reais), por ano.

Nesse íterim, entre manifestações, posicionamentos diversos e debates que

se alternaram entre prática cruel, prática cultural, tradição e fonte econômica importante para o Nordeste, e a legalidade ou ilegalidade, que perdurou (e perdura) desde 2013, chegou-se a 2017. Nesse ano, aos 7 de junho, foi sancionada e publicada no Diário Oficial da União (DOU) a Emenda Constitucional nº 96 – antiga PEC 50/2016 – que “Acrescenta § 7º ao art. 225 da Constituição Federal para determinar que práticas desportivas que utilizem animais não são consideradas cruéis, nas condições que especifica” (Brasil, 2017).

Para ativistas, entidades defensoras dos direitos dos animais e parte do parlamento, a Emenda Constitucional nº 96/2017 não deveria ter valor jurídico, uma vez que a referida emenda foi contra o bem-estar animal e o direito ao meio ambiente equilibrado, garantido pela CF. Desse modo, foram protocoladas algumas ADIs, requerendo a inconstitucionalidade da referida emenda, como as ADIs nº 5728 e nº 5772, ambas protocoladas em 2017, meses depois da aprovação da EC 96/2017. (Vieira e Piccinini, 2020).

Chegando a 2019, com a persistência dos debates acerca da (in)constitucionalidade da EM nº 96/2018 e, conseqüentemente, da prática da vaquejada, a Lei nº 13.364/2016 foi alterada pela Lei nº 13.873/2019, que elevou a vaquejada a bem de natureza imaterial de patrimônio cultural e acrescentou a cláusula do bem-estar animal:

Manifestações culturais nacionais; eleva essas atividades à condição de bens de natureza imaterial integrantes do patrimônio cultural brasileiro; e dispõe sobre as modalidades esportivas equestres tradicionais e sobre a proteção ao bem-estar animal.

Com essa alteração, podemos verificar dois principais pontos, o primeiro ligado à importância da elevação para a prática desta modalidade desportiva; e o segundo relacionado ao Art. 3º-B que versa sobre a proteção e bem estar animal, com regulamentos específicos, deixando a cargo de associações ou entidades, aprovadas pelo Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA). Esses dois itens, objetivam sanar o problema da inconstitucionalidade da prática, visto que o bem-estar animal deverá ser garantido, havendo fiscalização pelo órgão competente autorizado por um órgão federal e, assim sendo, por ser um patrimônio cultural, a manifestação desta deve ser assegurada pelo poder público. Logo, é obrigatório seguir as regras e condições impostas e lavradas pela Lei de não agredir, ferir e causar dano físico e/ou

mental aos animais envolvidos nessa modalidade. Ficou incumbida a Associação Brasileira de Vaquejada, o regulamento geral do evento, como também a fiscalização, com assessoria da ABQM (Associação Brasileira de Criadores de Quarto de Milha), para que tais condições sejam cumpridas, como também punições caso haja o descumprimento.

No que concerne aos debates, a manutenção ou proibição da vaquejada segue rendendo discussões em todos os âmbitos da sociedade brasileira (jurídico, político e popular). Ao mesmo tempo, a vaquejada segue promovendo eventos e se ressignificando para atender as demandas do tempo presente, como, a participação feminina nesse meio tão marcadamente masculino.

2.2. A mulher e os “ismos” na nossa cultura brasileira

“Ah, você tem que ver que a mulher é um troço complicado em todo e qualquer lugar, inclusive e principalmente na vaquejada.”
(Barbosa, 2006, p. 98).

A frase acima foi dada em resposta ao questionamento de Barbosa (2006) sobre a preferência do macho ao invés da fêmea (boi e vaca). O entrevistado, para começar sua resposta, fez essa analogia acentuando “que a ‘mulher é bicho complicado em todo e qualquer lugar’” (Barbosa, 2006, p. 98). Podemos perceber nessas poucas mas significativas palavras algo bastante comum e corriqueiro na nossa sociedade: regras e símbolos que inferiorizam o feminino, a mulher.

Essas regras e códigos impostos pela sociedade, que posicionam a mulher em uma “redoma”, de acordo com Damitz (2018, p. 12), é construída através da influência que o “mundo” exerce sobre os sujeitos. Assim sendo, o sujeito é construído “de acordo com os padrões e estereótipos vigentes” (Damitz, 2018, p. 21). Esses padrões estão enraizados em,

Questões culturais arraigadas nos mais diversos setores da vida em sociedade, passando da família à igreja, da escola às altas cortes, sejam políticas ou jurídicas. O patriarcalismo é o modo de dominação e opressão baseado no gênero e, portanto, situar o local de fala e o que se entende por gênero foi primordial para avançar nas críticas a esse sistema. (Damitz, 2018, p. 99).

No que diz respeito a gênero, das tantas definições e perspectivas disponíveis sobre o que é gênero, iremos pensa-lo aqui através de Scott (1995). Para a autora, o “gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseado nas diferenças percebidas entre os sexos, e o gênero é uma forma primeira de significar as relações de poder”. (p. 21). E/ou por meio da célebre citação de Beauvoir (1967, p. 9) que diz que “Ninguém nasce mulher: torna-se mulher”. Para ela,

Nenhum destino biológico, psíquico e econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado que qualificam de feminino. Somente a mediação de outrem pode constituir um indivíduo como um *outro* (Beauvoir 1967, p. 9).

Assim sendo, gênero é uma fabricação social. Não se trata do sexo de um indivíduo, que se refere a uma condição biológica (genitálias). O gênero “feminino/masculino” e “mulher/homem” nada mais é que uma construção forjada por uma cultura social usada para definir um padrão comportamental binariamente estereotipado para os sujeitos. Diante dessa organização, o macho é o forte, independente, incessível, dominador, associado à esfera pública, política; enquanto que a fêmea é o ser frágil, dependente, sentimental e subordinado, restando-lhe, para o seu bem, o espaço privado do lar (Beauvoir, 1997); (Scott, 1995); (Delajustine, 2018).

Apesar dessa herança histórica do patriarcalismo, as mulheres foram, a cada dia, lutando e conquistando um espaço na sociedade. Atualmente, elas assumem seu papel de protagonismo nos mais diversos cargos e espaços, graças às lutas e ao advento do feminismo.

O limiar do século XVIII chegou encerrando a modernidade e com ele o frenesi da liberdade e igualdade, do Iluminismo, explodiu com a Revolução Francesa. Muitas mulheres precisaram e puderam participar efetivamente da revolução, adentrando (ao menos temporariamente) em espaços “masculinos”. Pastorini (2021, p. 49) nos afirma que mulheres francesas criaram grupos que trabalharam para a queda da Bastilha, outras contribuíram ainda para a batalha, junto e empossadas dos mesmos armamentos que/com os homens. A esse respeito, Magalhães (1980, p. 127) assegura que:

A Revolução Francesa em 1789 colocou ao lado da liberdade a igualdade. Todas as Declarações do Séc. 18 e as subsequentes adotaram o princípio de igualdade perante a lei e, nesta época, começam a surgir os movimentos propondo a igualdade também da mulher em relação ao homem, conforme pudemos constatar através do Boletim da UNESCO no Ano Internacional da Mulher sobre o progresso dos direitos da mulher.

Os ideais de liberdade e igualdade influenciaram as sociedades em vários outros países além da França. Essas ideias ultrapassaram fronteiras, influenciando as mulheres que não aceitavam mais serem excluídas por uma sociedade totalmente patriarcal e machista. Embora tenham ocorrido lutas para alcançar direitos para as mulheres na França desse período, como também em momentos anteriores na história das mulheres, o feminismo como um movimento organizado só foi surgir, segundo Alves e Alves (2013, p. 114), no final do século XIX, nos Estados Unidos, posteriormente, espalharam-se pelo Ocidente.

De acordo com Marttanck e Govehr (2021), que dividem os movimentos feministas em três momentos, nos apontando que “a terceira onda do movimento feminista assim como os movimentos de primeira e segunda onda, lutam por melhorias, direitos e visibilidade as mulheres” (p. 75). Acrescenta que, no Brasil, na primeira onda do movimento, pleiteavam principalmente o direito ao voto. Embora tenha ocorrido a reivindicação em 1919, esse direito só foi conquistado em 1932. A negação se baseava no argumento de que a mulher não tinha capacidade para participar da política, pois não eram dotadas de conhecimento e discernimento para atuarem nesse campo (Marttanck e Govehr, 2021, p. 68).

Na segunda onda, que chegou ao Brasil em plena ditadura militar, as brasileiras lutavam “por possibilidades que excedem as questões relacionadas ao trabalho, sua presença nos ambientes públicos e o acesso à educação” (Marttanck e Govehr, 2021, p. 70, 71). Foi na terceira onda que o movimento feminista no Brasil se organizou através de ONGs e outras organizações sem cunho governamental, visto que a conjuntura política era desfavorável às feministas por ser um governo conservador. Nessa fase, o movimento feminista brasileiro lutava por uma legislação que favorecesse as mulheres e lhes providenciassem mais participação e representatividade política. E a partir daí e ao longo dos anos seguintes, algumas conquistas foram alcançadas como a criação de espaços direcionados para as

mulheres, a exemplo da “Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres”. (Marttanck e Govehr, 2021, p. 77).

Foram essas lutas e conquistas que possibilitaram às mulheres poderem atuar política e socialmente. Porém, mesmo com tantos avanços, elas são rebaixadas, inferiorizadas e discriminadas, diariamente, nos vários âmbitos da sociedade. Essas discriminações que ocorrem para com as mulheres no cotidiano, sendo posto por Canciane e Canabarro (2016, p. 3) como um fenômeno social que se manifesta através da “linguagem, pelas práticas sociais, pelas propagandas, nos conteúdos curriculares e didáticos”. Enquanto isso, o machismo é “a supremacia masculina que causa a inferiorização do gênero feminino provocando várias formas de violência: verbal psicológica, física etc.” (Oliveira e Maio, 2016, p. 3). Ou seja, tanto o machismo quanto o sexismo são atos de discriminação do gênero, é a elevação do direito, prioridade e superioridade de um indivíduo em detrimento do outro. No machismo, sempre será colocado o macho como superior à fêmea, já no sexismo tanto o macho quanto a fêmea podem ser vítimas desse preconceito, porém, seguindo a lógica do patriarcalismo estrutural que o Brasil está imerso, sempre é a mulher a maior vítima desse preconceito.

Avanços a parte, ainda estamos longe de chegarmos a uma sociedade que mude essa cultura patriarcal, opressora, machista e sexista, para uma que aceite e respeite a mulher como sendo mulher. Inserções no mercado de trabalho insatisfatórias, cargos e salários inferiores aos dos homens e assédio. Violências e feminicídio estampam as manchetes, nos mostrando qual é a verdadeira realidade vivenciada nos dias atuais, que ainda é de uma cultura patriarcal, machista, sexista e excludente.

2.3. Uma questão de gênero: O papel do homem e da mulher na vaquejada

Por se falar em cultura, retomaremos a discussão inicial sobre a cultura da vaquejada. Nos primórdios da vaquejada (apartações), segundo BARBOSA (2006, p.47), o vaqueiro da fazenda era visto “como herói do sertão”, a expressão vaqueiro era usada para designar o adulto, do sexo masculino, que construía sua autoridade, prestígio e honra, baseados em atos heroicos e bravura. Essa figura se distinguia de todos os outros homens, como do patrão e de outros homens não-vaqueiros, por exemplo.

Durval Muniz de Albuquerque Junior (2013), em sua obra intitulada *Nordestino: A invenção do “falo”- história do gênero masculino (nordeste 1920-1940)*, historiciza “as práticas discursivas e não discursivas” (p. 20) que inventaram esse homem. Ele mapeia o cenário histórico-social que formulou a imagem do nordestino que vem a fazer parte da identidade regional de um povo: a ideia do cabra-macho. O autor usa a seguinte passagem para se referir a essa imagem de homem nordestino:

Aspecto dominador de um titã acobreado; verdadeiro pai-d'égua; gritando muito e decompondo como um capitão de navio; homem bravo; homem de gênio forte; cabras se fazendo em arma com facilidade; falando sempre em mulheres; quase nus de brincadeiras uns com os outros e com os gestos dos touros, de pernas abertas e membros em riste, no deboche, na gargalhada; homem encourado, vermelho, com o guarda-peito encarnado desenhando-se o busto forte e as longas pernas ajustadas ao relevo poderoso das pernas; uma rajada de saúde e força; músculos salientes e mãos calosas; mãos que seguram o fumo de corda (p. 17).

Albuquerque Junior (2013, p. 18) continua pontuando que:

O nordestino é macho. Não há lugar nesta figura para qualquer atributo feminino. Nesta região até as mulheres são macho, sim senhor! Na historiografia e sociologia regional, na literatura popular e erudita, na música, no teatro, nas declarações públicas de suas autoridades, o nordestino é produzido como uma figura de atributos masculinos. Mesmo em seus defeitos é com o universo de imagens, símbolos e códigos que definem a masculinidade em nossa sociedade, que ele se relaciona.

De acordo com o autor, essa figura de masculinidade, viril, forte e o oposto da feminilidade, foram forjados pelo discurso de intelectuais de uma aristocracia regional, em resposta às transformações sociais, políticas e culturais que o país vivenciava a partir do final do século XIX e início do século XX. Para Eriosvaldo Barbosa (2006), essa figura do homem sertanejo se mistura com a figura do vaqueiro da fazenda que, posteriormente, dará origem ao vaqueiro da vaquejada. Assim, carregando os símbolos e códigos que lhe afirma “o título de ‘herói do sertão’” (p. 57).

No entanto, na contemporaneidade, mais precisamente a partir de 1960, quando a vaquejada foi ressignificada, ganhando novos ares e se separando totalmente das festas de apartação, o vaqueiro também perdeu alguns elementos que constituíam sua imagem. Foi deixando para trás, completamente e/ou parcialmente, elementos como a bravura, valentia e coragem acima de tudo, para dar lugar as

técnicas necessárias para a nova modalidade, preparo técnico e até a sensibilidade, que agora já faziam parte do novo cenário brasileiro, redefinindo, assim, a ideia de vaqueiro e masculinidade. Nas palavras de Barbosa (2006, p. 127-128):

Através da análise da figura do vaqueiro desportista, pude constatar que a noção de masculinidade é construída a partir de dispositivos que tendem a fugir do modelo de masculinidade, que marca o contexto do vaqueiro da fazenda. [...] A masculinidade é um contínuo fazer e desfazer, uma atividade sempre inacabada. A figura masculina representada pelo vaqueiro desportista é cortada, ora por sentimentalismo, ora por força e coragem; ora por potência, ora por leveza. Essa figura parece ser mesmo mosaica, construída a partir de pequenos pedacinhos diferentes: de masculinidade e feminilidade, de força e leveza, de coração e razão.

Essa feminilidade, sentimentalismo e leveza que compõem a figura do vaqueiro da vaquejada, embora possa ter dado abertura para que a mulher pudesse adentrar nesse mundo marcadamente masculino, esse protagonismo está longe de ser satisfatório. Hoje, essas protagonistas podem atuar como vaqueiras puxadoras, competindo tanto nas demais categorias (categoria aberta, aspirante, amador e profissional), em que concorrem com os homens, quanto na categoria feminina, que é reservada para elas. No entanto, esse é só um pequeno passo dessa caminhada, que avança lentamente em busca do dia em que essas competidoras serão vistas e tratadas como vaqueiras capazes de competir igualitariamente com os “heróis do sertão” (Barbosa, 2006, p. 47).

A participação feminina no mundo da vaquejada é recente. Se consultarmos Cascudo (2005) e Barbosa (2006), por exemplo, encontramos essas mulheres como espectadoras, atrás da figura masculina do marido, do fazendeiro anfitrião, descrita como a esposa reclusa, que ouve as modas e assiste a festa de dentro de casa enquanto ocupam-se dos afazeres domésticos, no lugar socialmente “aceitável” para si (Barbosa, 2006, p. 72); (Cascudo, 2005, p. 112-116).

Tem sido aos poucos, na contemporaneidade, que essas mulheres vêm largando a posição de meras observadoras, coadjuvantes, e/ou “objetos” decorativos, por sua beleza, delicadeza e feminilidade, para assumirem seus papéis de protagonistas, destacando-se como atletas competidores. No caso da vaquejada, como podemos perceber até aqui, que é um esporte masculinizado, as mulheres, quando entram nesse meio, ainda tendem a serem vistas com atributos masculinos, parafraseando Durval Muniz (2013, p. 19), “as mulheres são machos, sim senhor”.

Esse processo de independência feminina caminha a passos lentos, tendo em vista o tempo de existência do esporte/profissão e sua trajetória em comparação à trajetória masculina. A invisibilidade para com essas mulheres ainda é alarmante, embora na atualidade já se tenham muitas conquistas. Para que possamos avançar, é importante fazer essa discussão sobre gênero, com o intuito de conscientizar e/ou encorajar as mulheres e os movimentos que buscam ser protagonistas de suas próprias histórias.

Assim, ainda há muito o que se analisar. Na bibliografia disponível, encontra-se uma pequena quantidade de escritos sobre a trajetória feminina no mundo da vaquejada. Os registros mais antigos, a exemplo de *Vaqueiros e Cantadores, Folclore Poético do Sertão de Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte e Ceará*, de autoria de Luís da Câmara Cascudo (2005 [1939]), é feito breves menções à figura feminina, sempre atrelada ao antagonismo da esposa do coronel e/ou fazendeiro de onde a festa da apartação acontece. Em alguns versos em que a mulher aparasse está sempre trabalhando, reclusa em sua cozinha. Em obras mais recentes, como *Valeu boi: (o negócio da vaquejada)*, de Eriosvaldo Lima Barbosa (2006), que através das mais diversas fontes vai tentando mapear a trajetória da vaquejada desde seu início, das festas de apartação até os dias atuais, para definir o que seria “[...] vaquejada, vaqueiro e masculinidade” (p. 128), mais uma vez sobre a mulher como competidora é feita apenas breves menções, também ligada ao protagonismo do vaqueiro.

Em outras pesquisas como em monografias e teses, que têm recortes espaciais muitas vezes bem restritos a um município, que focam na questão de gênero como em *O “Espetáculo do cabra-macho”: um estudo sobre os vaqueiros nas vaquejadas no Rio Grande do Norte*, de autoria de Francisco Jânio Filgueira Aires (2008), a participação feminina aparece algumas vezes deveras restritas. Nesse e em outros estudos consultados, notamos que os registros são poucos ou quase nenhum de como e quando a mulher nordestina entrou, de fato, no esporte cultural tão tradicionalmente conhecido e praticado em todo o Nordeste.

Anyelle Brito Leite Santos (2017), em *Valeu o boi! Uma análise de gênero na vaquejada*, faz uma análise da representação da mulher nas músicas de vaquejada. Nos resultados traz três discussões: “A mulher como objeto de entretenimento”, em que “Encontra-se de forma geral uma tentativa de apropriar-se do corpo feminino.” (p. 17); “A invisibilidade da Mulher”, apontando as “Atitudes que trazem a virilidade do homem, a dominação e valorização deste pelos bens materiais, companhia da mulher”

(p. 17); enquanto o homem é exaltado, a mulher é apontada como um elemento ligado ao homem, sendo invisibilizada; e, por fim, “A figura feminina romantizada: utilização da figura feminina como inspiração romântica, exaltação da beleza, admiração e as situações em que as mulheres participam da vaquejada apenas como espectadoras” (p. 18).

No segundo momento, Santos (2017) lança mão de entrevistas com vaqueiras dos Estados do Ceará, Pernambuco, Rio Grande do Norte, Piauí, Alagoas, Paraíba, Bahia, Goiás e Rio de Janeiro, com o objetivo de “analisar o discurso de mulheres praticantes de vaquejada em relação à sua inserção, acesso e participação nesta prática” (p. 34). Conclui, ao final, que a participação dessas competidoras, embora tenha conseguido avanços significativos, ainda precisa melhorar bastante. A sua condição como vaqueiras “ainda precisam conquistar premiações melhores e garantia do seu recebimento, visibilidade e horário estabelecido dentro das competições”, como também superar “o preconceito e não aceitação da participação feminina na vaquejada” (Santos, 2017, p. 60).

No que concerne aos estudos sobre a trajetória feminina na vaquejada como vaqueiras, podemos apontar a tese de autoria da Adriana Priscilla Costa Cavalcanti (2020), em *“As Marias de gado”: descortinando trajetórias da participação de mulheres nas vaquejadas da Bahia*. Veremos através da autora que a inserção das mulheres nesse meio desportivo se deu após a década de 1960, através das Rainhas de vaquejadas. A investigação da autora ocorreu por meio de periódicos jornalísticos da época, no qual se constatou que, a partir de 1960, a mulher apareceu nas festas de vaquejada “como aquelas constituídas para embelezar as festas de vaqueiros”. (2020, p.57).

De acordo com as pesquisas de Cavalcanti (2020) e as entrevistas disponibilizadas pela mesma, podemos notar que o que qualificava uma mulher para o “cargo” de rainha da vaquejada ou da festa de vaqueiro era uma beleza que se destacasse, simpatia e sofisticação. Saber montar a cavalo ou ter algum tipo de participação ou conhecimento com/sobre a modalidade desportiva não tinha relevância (p. 65).

Um segundo fator que pode ser observado diz respeito à inserção da mulher como competidora. Notamos que essa inserção das mulheres começou a partir de 1990, quando a grande maioria iniciou como bate-esteira, acompanhada por algum membro familiar, de primeiro grau, masculino (Cavalcanti, 2020). Não podemos

esquecer que o recorte espacial da autora é apenas o Estado da Bahia, no entanto, estamos nos referindo a uma cultura regional, praticada em todos os estados do Nordeste. Assim sendo, os elementos principais dessa modalidade que se manifestaram na Bahia em dado período histórico podem ser equiparados a outros estados nordestinos que bebem dessa mesma água chamada cultura regional.

Podemos ver nas redes sociais, em manchetes de jornais e/ou blogs da Internet, notícias positivas sobre a participação de mulheres competidoras no mundo da vaquejada. Reportagens “apresentando” as “‘vaqueiras’ mulheres que correm vaqueja”, como do *portalvaquejada.com*, trazendo “a força de mulher na vaquejada”, e em tantos outros, exibindo entrevistas com vaqueiras que ganharam prêmios altos em participações de grandes eventos, apresentando suas trajetórias dentro do meio desportivo.

Ao analisarmos, mesmo que superficialmente essas entrevistas, encontraremos algumas palavras que se repetem na “boca” das vaqueiras: machismo; dificuldade de entrar no esporte; preconceito; discriminação. Para a piauiense Andressa Mendonça, entrevistada para o site *ciudadesnanet.com*, “o maior desafio é a gente estar lá dentro de um esporte bem masculino, e mostrar que a gente consegue que sabemos fazer o mesmo que eles fazem também” (2022). A atleta continua dizendo que:

Infelizmente muitas meninas começam e desistem, porque é difícil, é um ambiente muito machista. Aqui em Picos acho que fui a primeira a correr. Hoje a mulher já ganhou mais espaço. Aqui no Piauí é mais fraco, mas por aí afora, Pernambuco, Ceará, é bastante forte a presença da mulher na vaquejada.

De acordo com a competidora, no início da sua trajetória, as vaquejadas nas quais ela competia não forneciam troféus para as ganhadoras, apenas o prêmio em dinheiro. Mesmo que o troféu faça parte da premiação e, portanto, seja obrigatório para todos os competidores vencedores nos eventos de vaquejada, assim como o prêmio em dinheiro (ABVAQ, 2017).

A vaqueira alagoana Simone Fernandes, entrevistada para o *lancerural.com* (2016), afirma que começou como bate-esteira para seu irmão e só depois iniciou-se como puxadora, que enfrentou dificuldades no trajeto, principalmente o preconceito que acabou a afastando das pistas por um tempo, retornando em 2015. A Mônica Cardoso, pernambucana, entrevistada para o site *uol.com* alega ter começado a

competir em torneios de vaquejada. A jovem, quando foi questionada sobre o machismo na vaquejada, afirma nunca ter sido vítima direta do preconceito, mas reflete sobre não ter sido alvo devido a estar sempre acompanhada por figuras masculinas próximas a ela (pai, irmãos o/ou namorado). No entanto, relata conhecer outras competidoras que sofreram, “escutaram que o lugar delas era em casa [...] principalmente depois de derrotarem homens!” (2021).

Podemos perceber então que, cada uma das entrevistadas, em estados diferentes, precisou enfrentar, além dos desafios da prática da vaquejada em si, os desafios de estarem, enquanto competidoras, nesse meio. Mesmo já consolidadas no esporte, precisaram provar constantemente que eram tão capazes quanto qualquer outra pessoa que buscasse e se dedicasse a um esporte ou profissão. Que seus lugares podem ser, também, na vaquejada, com os mesmos direitos e deveres que o grupo masculino.

Barbosa (2006) relata que, em sua pesquisa de campo, pode observar que na vaquejada “o macho é preferível a fêmea. Prefere o boi a vaca, o cavalo a égua” (p. 98). E completa:

A mulher é constantemente associada à figura da fêmea e o homem a do macho. Cavalo, boi e vaqueiro tornam-se símbolos de virilidade, força e potência, enquanto que vaca, égua e mulher simbolizam o oposto: fragilidade, fraqueza e dependência. O papel conferido à égua e à vaca resume-se unicamente a capacidade que esses animais possuem para parir. A mulher, além de ser reservado esse mesmo papel, seu gênero é muitas vezes resumido a seu sexo (p. 98).

Podemos perceber que, na vaquejada, tudo vai sendo montado em torno da figura masculina, na mídia, na sociedade e no imaginário das pessoas, a “vaquejada cheira a macho” (Barbosa, 2006, p. 100). Assim, notamos que os papéis do homem e da mulher na vaquejada insistem em seguir o padrão que a sociedade reserva para ambos: de liberdade para o homem e o enclausuramento, restrições, dependência e silenciamentos para a mulher. Porém, para muitos, principalmente para as mulheres, já não aceitam mais esse papel de coadjuvantes, pois podem ser “frágeis” e terem força física. A vaquejada hoje, diferente dos primórdios, é acessível a todos os gêneros. Mesmo com a desvalorização, a tentativa de exclusão e de invisibilidade, as vaqueiras continuam tentando seu reconhecimento, sair das amarras que tentam enclausurá-las em um papel de antagonismo nessa história.

CAPÍTULO III – ENTRE O PRECONCEITO E A ADMIRAÇÃO: A LUTA DAS COMPETIDORAS PARA SE CONSOLIDAREM COMO VAQUEIRAS

Há alguns séculos, seria impensável uma mulher montar a cavalo da mesma forma que um homem. Tal ato era visto como inapropriado e deselegante, levando as mulheres que o praticavam a serem designadas pelo título de amazonas. Entre as diferenciações do mundo masculino, as indumentárias da montadora feminina e do próprio cavalo também eram distintas as dos cavaleiros. As celas femininas, por exemplo, possuíam uma espécie de gancho que serviam para manter as pernas da mulher juntas, em um único lado da montaria (Houbre, 2007, p. 15). Na atualidade, esse panorama vem mudando e hoje as mulheres podem montar, se vestir e participar dos mesmos eventos equestres que os homens.

As lutas femininas por direitos permitiram às mulheres praticarem espaços historicamente dominados por homens, incluindo esportes, política e profissões no geral. Na vaquejada, não foi diferente. Atualmente, existe uma categoria feminina reconhecida pela ABVAQ, denominada de Associação Brasileira de Vaqueiras (ABRAVA), por meio da qual inúmeras mulheres são reconhecidas local e nacionalmente⁸ como atletas de sela⁹, competindo em rankings e Copas nacionais de vaquejada.

Neste capítulo, utilizaremos dados coletados por meio de observações em eventos de vaquejada, entrevistas e análise de imagens com o objetivo de compreender e mapear o lugar social destinado às mulheres vaqueiras e/ou competidoras nas vaquejadas do sertão nordestino paraibano.

3.1. Luta e persistência: O lugar das vaqueiras nas vaquejadas de cajazeiras e sousa, na paraíba

A vaquejada é uma prática historicamente dominada pelo gênero masculino e embora tenhamos percebido uma mudança nesse cenário nos últimos anos, com mulheres competindo lado a lado com os homens, é importante destacar que a luta

⁸ Como exemplo temos Jenniffer Emannuelle, com mais de 1 milhão de seguidores, e Alice Cavalcanti, que lidera o Ranking ABVAQ na categoria feminina e foi campeã nacional em 2023.

⁹ Vaqueiros e vaqueiras que disputam em provas de vaquejada profissionalmente.

feminina para conquistar seu espaço nesse meio esportivo ainda enfrenta desafios significativos, como a falta de investimento, por exemplo.

Para se consolidar nesse meio desportivo, é necessário um investimento de tempo e de dinheiro, tendo em vista que a vaquejada segue toda uma lógica de negócio. Para que um único evento aconteça, é necessário investir na estrutura do parque, na boiada, nas bandas¹⁰ e em uma junta de profissionais trabalhando em prol desse evento. Já os competidores precisam investir em animais de qualidade, transporte, alimentação, equipamentos de corrida¹¹ e taxas de inscrição¹², exigindo um capital que nem sempre está ao alcance de todos que desejam competir.

Na grande maioria das vezes, quem arca com os custos de participação do vaqueiro nesses eventos são os seus patrões, que investem em bons cavalos, equipamentos e no custeio de cada participação, retirando o lucro, do cavalo¹³ e da premiação que os vaqueiros ganham, quando ganham, na vaquejada. Aires (2008, p. 28) nos aponta sobre a importância do patrão na vaquejada e para o competidor:

É para os vaqueiros o investidor que possibilita não apenas a sua continuação como competidor nas vaquejadas, mas também a sua afirmação enquanto tal. O patrão, portanto, é considerado o “homem forte” dos vaqueiros, porque estes apenas serão campeões se tiverem um investidor forte, como enfatizam, ou seja, aquele que tem dinheiro para pagar as senhas e os custos com o esporte de vaquejada.

Diante disso, podemos observar as dificuldades enfrentadas pelas mulheres na vaquejada, uma vez que a maioria das vaqueiras não recebe o mesmo nível de investimento por parte de um patrocinador. As facilidades financeiras proporcionadas pelo patrocínio dado aos vaqueiros do sexo masculino geralmente não se estendem às competidoras femininas, o que consequentemente limita o acesso desse grupo à competição.

Um dos fatores comumente utilizados na tentativa de “justificar” a falta desse

¹⁰ Nos eventos de vaquejada contemporâneos, há shows com bandas, geralmente de forró, que se apresentam em casas de shows dentro do parque de vaquejada. Para Barbosa (2006, p. 72-74), esses shows fazem parte da lógica de negócio da vaquejada.

¹¹ Tanto os cavalos quanto os montadores precisam usar acessórios específicos para competirem. Esses acessórios, como também as condições de acomodação e alimentação do animal são estipuladas e fiscalizadas pela ABVAQ.

¹² A senha é a inscrição que a equipe de competidores paga para ter direito de participar da corrida e concorrer aos prêmios e, quanto maior a premiação disputada, maior o valor cobrado por cada senha.

¹³ Um cavalo de vaquejada, dependendo da raça e da quantidade de prêmios que ganhou, pode chegar a custar milhões de reais, como é o caso do Dom Roxão, avaliado em 6,5 milhões de reais.

patrocínio para as competidoras femininas reside no fato de que a premiação ofertada às vaqueiras costuma ser muito baixa em comparação aos demais competidores, mesmo que, tecnicamente, o prêmio seja uma espécie de salário¹⁴ para os participantes. Portanto, teoricamente, ao patrocinar uma vaqueira, o patrão, ou patrocinador em geral, não conseguiria obter o mesmo retorno lucrativo que teria com um vaqueiro, uma dinâmica que evidencia a desigualdade de gênero existente na competição. Tal contexto é revelado pelo depoimento da vaqueira Fernanda (2024)¹⁵, que competiu na 10ª vaquejada do parque de vaquejada *Estrela Park Show*, em Cajazeiras, Paraíba :

Essas premiações são uma humilhação. A gente vem só porque não tem outra opção. A gente gasta 300 de senha, 200 de transporte. Uns 100, 150 pra se manter aqui, porque é tudo caro. Fora o que trás de casa. Eu tenho cavalo, carro e reboque, pago minhas senhas e todos os gastos com meu cavalo e a vaquejada. Mas quando o caba tira as despesas tudinho, o prêmio num compensa não. E é se ganhar, e se num der pra gente? Porque não é todas que a gente vai que a gente ganha, né? É só pelo troféu e a participação mesmo (Fernanda, 2024).

De acordo com a Constituição Federal, todos os indivíduos são iguais em direitos e deveres, sem distinção de nenhuma natureza, incluindo o sexo. Esse direito constitucional está vigente desde 1988, mas, na prática, a realidade é outra. De acordo com dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) de 2019, relacionado ao estudo de Estatística de Gênero, as mulheres trabalham, em média, três horas semanais a mais que os homens, possuem nível educacional mais alto e, mesmo assim, têm uma remuneração equivalente a 76,5% do rendimento dos homens (IBGE, 2019).

A conjuntura machista, discriminatória e desigual a que as mulheres historicamente são submetidas acaba inevitavelmente refletindo também no ambiente da vaquejada paraibana. Isso é evidenciado ao analisarmos os cartazes dos eventos realizados nos parques de vaquejada *Estrela Park Show*, em Cajazeiras - PB, e no *Parque José Luciano*¹⁶, em Sousa – PB, levando em consideração principalmente a

¹⁴ Muitos vaqueiros não recebem um salário fixo do seu patrão, retiram sua renda das premiações ganhas nas vaquejadas e com os cuidados com o animal (doma e o preparo do animal)

¹⁵ Nome fictício.

¹⁶ Não foi observado o evento do *Parque José Luciano*, no entanto, ele foi muito citado por vaqueiros e vaqueiras na pesquisa de campo, realizada no *Estrela Park Show*, desse modo, foram analisados os cartazes.

premiação oferecida por categorias e a existência da categoria feminina nesses eventos.

Em 2013, o parque de vaquejada *Estrela Park Show* realizou seu primeiro evento, oferecendo um total de 37 mil reais em prêmios exclusivamente para a categoria profissional (Portal Vaquejada, 2013). Apenas no segundo evento, em 2014, foi introduzida a categoria feminina, com uma premiação inicial de 2 mil reais para as competidoras. No entanto, essa prática não se manteve de forma ininterrupta, já que nos anos de 2019 e 2023, a categoria feminina não foi ofertada, conforme ilustrado no Quadro 1 a seguir. A situação é ainda mais problemática no Parque *José Luciano*, onde, ao longo de dez eventos anunciados, apenas quatro tiveram vagas ofertadas para as competidoras femininas, como evidenciado no Quadro 2.

Em 2024, ocorreu o 10º evento do parque *Estrela*, com uma premiação total de 70 mil reais distribuídos entre as categorias Aberto, Aspirante, Jovem e Feminina. Porem, esse fato acabou revelando outro aspecto da desvalorização da mulher como competidora de vaquejada: a ausência de subdivisões dentro da categoria feminina.

As categorias ou classes de vaqueiros são classificadas pela Associação Brasileira de Vaquejada (ABVAQ) da seguinte maneira:

1. Aspirante - competidor iniciante ou de desempenho regular ou inferior ao amador no esporte vaquejada, segundo critérios aferidos por observação dos profissionais envolvidos na organização dos eventos;
2. Amador - competidor que nunca tenha apresentado, treinado, ensinado ou assistido, direta ou indiretamente, o treinamento de cavalo, visando remuneração ou qualquer compensação. O amador também não pode ter sua atividade profissional principal ligada diretamente à lida com o cavalo (trato, doma, etc.);
3. Intermediário - categoria imediatamente anterior à categoria profissional;
4. Profissional - competidor que, remunerado ou não, tenha participado (direta ou indiretamente), nos últimos três anos, de apresentação, treinamento, condicionamento, ou, de qualquer forma, realizado trabalhos profissionais de doma com cavalos, ou ainda, competido na classe aberta com cavalos de terceiros ou mediante patrocínio; Parágrafo Primeiro: As classes aspirante e intermediário são consideradas categorias de entrada, de modo que, preenchidos os requisitos de entrada na categoria imediatamente superior (amador e profissional), seja por somas ganhas ou por condições técnicas, o competidor será considerado automaticamente qualificado para a nova categoria. Parágrafo Segundo: Caso o competidor aspirante ou intermediário consiga entrar em 4 vaquejadas durante o mesmo ano, em qualquer categoria subsequente a sua, automaticamente subirá de categoria. Fica excluída desse requisito a categoria amadora.

(ABVAQ, 2024, p. 3).

Além dessas quatro classificações, existe a classe Feminina, na qual a competidora de puxada deve ser obrigatoriamente do sexo feminino (ABVAQ, 2024, p. 3). Ademais, “não existe divisão na classe feminina, podendo todas as competidoras participar sem distinção entre aspirante, amador, intermediário ou profissional” (ABVAQ, 2024, p. 3). O Regulamento Geral da Vaquejada é bem claro e especifica em várias partes que todas as regras nele estabelecidas devem ser seguidas integralmente, sob pena de desclassificação e proibição de participação em eventos cancelados em caso de descumprimento.

De acordo com o regulamento, os competidores e suas montarias devem cumprir todos os critérios para serem autorizados a competir. Uma das primeiras e principais exigências é a apresentação de um exame negativo de Anemia e Momo, com um custo médio de R\$ 120,00 e validade de 60 dias. Além disso, todos os acessórios, como capacete, luvas e esporas que não machuquem os animais, selas e arreios que não causem dor ou ferimentos no equino, devem estar em conformidade com as normas. O transporte, alojamento e alimentação do animal nas dependências do parque também são fiscalizados. Caso algo esteja fora do padrão estabelecido pela ABVAQ na cláusula de bem-estar animal, a equipe será proibida de competir. Além disso, cada competidor deve inscrever-se em sua categoria seguindo os critérios de classificação previamente mencionados (aspirante, amador, intermediário e profissional); caso contrário, será desclassificado e impedido de participar da Copa ou dos Rankings de vaquejada (ABQM, 2023, p. 1).

Essas categorizações servem para igualar as chances entre os competidores, tornando a competição mais justa, pois considera-se que o preparo do vaqueiro e do animal, aliado à técnica e ao conhecimento adquiridos com a prática se tornem primordiais para o sucesso em uma corrida. Nesse sentido, essas divisões são essenciais. Além disso, há diferenças na própria boiada: os bois na categoria profissional são maiores e mais pesados, enquanto os animais das categorias aspirante e amadora são mais leves.

Desse modo, por não haver dentro da categoria feminina uma divisão entre aspirante, amador, intermediário e profissional, as vaqueiras acabam tendo que competir de forma muitas vezes injusta. As competidoras mais experientes, que correm há anos, possuem uma vantagem significativa sobre as novatas. Essa

dinâmica de injustiça foi observada na vaquejada do *Estrela Park* em 2024, onde entrevistamos quatro competidoras. Duas delas competiam há menos de dois anos, enquanto as outras duas tinham quase uma década de experiência. No entanto, como não há divisão, todas competiram na mesma categoria, enfrentando o mesmo padrão de bois e grau de dificuldade e disputando o mesmo prêmio.

No evento de dez anos do parque, não houve uma separação na corrida entre a categoria aspirante e a feminina em termos de ordem de apresentação. As mulheres competiram nos mesmos rodízios¹⁷ que a categoria aspirante, utilizando os mesmos bois. A única diferença foi que os homens precisavam validar 4 bois para fechar a senha, enquanto as mulheres precisavam validar dois a menos. Três das quatro entrevistadas mencionaram eventos anteriores em que essa mesma organização foi adotada, como em Baixio, no Ceará, e em São José de Piranhas, na Paraíba.

Sobre o Parque *Irmãos Ribeiro* (Baixio - CE) que fez seu 19º evento em fevereiro de 2024, com premiação de 150 mil em prêmios, de acordo com relatos da Livia (2024) a premiação para a categoria feminina foi de mil reais:

Mil reais a premiação, cem reais a senha e correr no meio dos homens para bater senha e correr no meio dos homens na disputa. Correndo os mesmos bois, só a senha que foi mais barata, cem conto, né? Mas na categoria aspirante. Na categoria aspirante é onde entra Salim, Tom, Loro, Vitor de Valentim. Me diga aí, qual a chance eles deram para nós mulheres? Competindo com Salim, Tom, Loro, que correm a anos? (Livia, 2024).

O montante pago às competidoras do sexo feminino também é outro problema a ser analisado nas vaquejadas paraibanas. Em grandes eventos, como os proporcionados pelo *Estrela Park Show*, cada competidor deve concorrer dentro da sua categoria, mas até mesmo os vaqueiros que nunca estiveram em uma competição concorrerão a uma premiação de, no mínimo, quatro mil reais. No caso das vaqueiras, se houver apenas uma vencedora, ela receberá a quantia de mil reais, e se houver mais de uma classificada, esse valor deverá ser dividido igualmente entre elas.

Essa discrepância percebida entre os valores dos prêmios destinados aos vaqueiros e vaqueiras não é exclusividade do *Estrela Park Show*. Por exemplo, o *Parque José Luciano* em Sousa, na Paraíba, realizou a primeira edição de seu evento

¹⁷ Na competição, as senhas são organizadas por rodízios, que são a quantidade de duplas que se apresentaram naquele momento.

em outubro de 2015, oferecendo 15 mil reais em prêmios e uma moto Honda 0 km. Ao longo dos 9 anos subsequentes, durante os quais realizou grandes vaquejadas com premiações variando de 15 mil a 200 mil reais, a categoria feminina foi oferecida em apenas 4 desses eventos, com uma premiação média de 2 mil reais, um valor irrisório em comparação com as categorias masculinas, como pode-se perceber nos Quadros 3 e 4 a seguir.

Ao todo, a pesquisa analisou dezenove cartazes de vinte e dois eventos. Destes, nove foram realizados no *Estrela Park Show*, sendo que nos anos de 2020 e 2021 não houve realização do evento devido às intervenções relacionadas à pandemia da Covid-19. Os outros dez cartazes analisados¹⁸ foram de eventos ocorridos no Parque *José Luciano*, que nos anos de 2015 e 2016 não houve categorias definidas para cada competidor, conforme indicado nos quadros com a marcação "X" no espaço das categorias como podemos observar abaixo:

QUADRO 1: *Estrela Park Show*, Cajazeiras-PB

ANO	CARTAZ ANALISADO	PROFISSIONAL	AMADOR	FEMININA	PREMIAÇÃO
2013	SIM	SIM	NÃO	NÃO	37 Mil
2014	SIM	NÃO	SIM	SIM	70 mil
2015	SIM	SIM	SIM	SIM	100 Mil
2016 ¹⁹	NÃO	—	—	—	—
2017	SIM	SIM	NÃO	SIM	50 Mil
2018	SIM	SIM	SIM	SIM	35 Mil
2019	SIM	SIM	NÃO	NÃO	35 mil
2020	NÃO	—	—	—	—
2021	NÃO	—	—	—	—
2022	SIM	SIM	SIM	SIM	45 Mil
2023	SIM	SIM	SIM	NÃO	60 Mil
2024	SIM	SIM	SIM	SIM	70 Mil

FONTE: Arquivo pessoal, 2024.

QUADRO 2: *Parque José Luciano*, Sousa-PB

¹⁸ No ano de 2020, aconteceram dois eventos de vaquejada no *Parque José Luciano*.

¹⁹ De acordo com o Instagram do parque, o evento aconteceu, mas não encontramos cartazes disponíveis do evento do ano de 2016, portanto, não foi feita a análise do ano em questão.

ANO	CARTAZ ANALISADO	PROFISSIONAL	AMADOR	FEMININA	PREMIAÇÃO
2015	SIM	X	X	X	15 Mil
2016	SIM	X	X	X	30 Mil
2017	SIM	SIM	NÃO	NÃO	30 Mil
2018	SIM	SIM	NÃO	NÃO	42 Mil
2019	SIM	SIM	SIM	SIM	80 Mil
2020.1	SIM	SIM	SIM	NÃO	100 Mil
2020.2	SIM	NÃO	SIM	NÃO	50 Mil
2021	SIM	SIM	SIM	SIM	200 Mil
2022	SIM	SIM	SIM	SIM	150 Mil
2023	SIM	SIM	SIM	SIM	158 Mil
2024 ²⁰	—	—	—	—	—

FONTE: Arquivo pessoal, 2024.

QUADRO 3: Premiação categoria feminina do *Estrela Park Show*, Cajazeiras-PB

ANO	CARTAZ ANALISADO	PREMIAÇÃO
2013	SIM	—
2014	SIM	2 Mil
2015	SIM	5 Mil
2016	NÃO	—
2017	SIM	5 Mil
2018	SIM	2 Mil
2019	SIM	—
2020	NÃO	—
2021	NÃO	—
2022	SIM	1 Mil
2023	SIM	—
2024	SIM	1 Mil

FONTE: Arquivo pessoal, 2024.

²⁰ Não foi analisado o cartaz do evento deste ano, pois no período das análises ainda não havia divulgação do evento.

QUADRO 4: Premiação categoria feminina do *Parque José Luciano*, Sousa-PB

ANO	CARTAZ ANALISADO	PREMIAÇÃO
2015	SIM	—
2016	SIM	—
2017	SIM	—
2018	SIM	—
2019	SIM	3 Mil
2020.1	SIM	—
2020.2	SIM	—
2021	SIM	3 Mil
2022	SIM	1 Mil
2023	SIM	2 Mil

FONTE: Arquivo pessoal, 2023.

A partir dos quadros, podemos observar que, durante os anos de 2013 a 2024, foram realizados 10 eventos no *Estrela Park Show*, com uma premiação total de 502 mil reais, dos quais apenas 16 mil foram destinados à categoria feminina. No *Parque José Luciano* foram realizados dez eventos entre 2015 e 2023, totalizando 855 mil reais em prêmios, dos quais somente 9 mil foram destinados à categoria feminina. É importante ressaltar que o montante destinado à categoria feminina representa menos de 2% do valor total dos prêmios oferecidos.

3.2. Um evento e um show: Um dia de vaquejada no *Estrela Park Show*

“Vai Robson Santos, vai descendo Robson, vai descendo o boi representando o Sofia Rancho, Juripiranga Paraíba. Passa a volta acredita. Vai pra faixa, é a 515, tranca na canhota o boi desequilibra e cai. Valeu boi”

Acima, observamos a chamada²¹ de uma dupla que se apresentou na 9ª Vaquejada do *Estrela Park Show*. Esse evento contou com aproximadamente 800 inscrições nas categorias Jovem, Aspirante e Profissional. Em mais de 42 horas de

²¹ Apresentação (narrativa) que o locutor de vaquejada faz da equipe que está se apresentando durante sua vez na pista.

gravação (TV Dantas, 2023), não houve a participação de nenhuma vaqueira. Segundo o promotor do evento²², essa foi uma das maiores vaquejadas realizadas no parque, tanto em número de inscrições (senhas corridas) quanto em público presente. A expectativa para o 10º evento é que seja igual ou superior ao anterior.

3.2.1. O parque

O *Estrela Park Show* está localizado na cidade de Cajazeiras, Paraíba, e foi construído em uma área diferenciada da maioria dos parques de vaquejada, estando situado dentro do perímetro urbano. Mais precisamente, encontra-se na rua José Alves Pereira, no Bairro Jardim Soledade, ocupando aproximadamente 50 tarefas de terra reservadas para o parque. Além da pista de corrida, que segue os padrões da ABVAQ, o parque conta com dois camarotes, uma arquibancada, quatro bares, dois restaurantes e três cabines (uma de locução, uma de julgamento e uma de filmagem). O parque possui oito banheiros distribuídos pelo local, dois escritórios, uma casa de shows, currais de boiada, dois estacionamento, dois locais para banho dos animais (equinos) e um pátio aberto disponível para aluguel, onde comerciantes podem montar suas lojas. Além disso, o parque dispõe de um portão de entrada e saída que dá acesso ao lado comercial, e um segundo portão reservado exclusivamente para os vaqueiros e suas equipes, proporcionando acesso direto ao estacionamento dos vaqueiros.

O *Estrela Park Show* é o resultado do sonho de infância do seu criador, o senhor Eduardo Faustino. O proprietário do Parque participa de vaquejadas desde sua infância e conta que sempre sonhou “resgatar a vaquejada de Cajazeiras”. Foram mais de cinco anos de construção até a semi finalização²³ em 2013, quando ocorreu o primeiro evento. Desde então, anualmente o parque promove uma das vaquejadas mais populares da cidade de Cajazeiras – PB e região.

A divulgação do evento inicia-se com um ano de antecedência e se intensifica à medida que a data se aproxima. Durante o ano, o perfil do Instagram do parque promove as vitórias da equipe que representa o *Estrela Park* por meio de publicações com fotos e vídeos, sempre destacando os feitos da equipe do parque e das equipes

²² Informação passada verbalmente em visita não oficial ao parque, durante os preparativos finais para a 10ª edição do evento, que aconteceu do dia 04 ao dia 07 de abril de 2024.

²³ O parque foi inaugurado em 2013, mas todo ano o proprietário faz aprimorações no estabelecimento

amigas²⁴ que participarão da próxima vaquejada. Meses antes do grande dia, com a data marcada, premiação e categorias definidas, e atrações musicais confirmadas, as propagandas se espalham pelas redes sociais. Outdoors são colocados em vários pontos da cidade, e os carros das pessoas envolvidas no evento são adesivados com cartazes contendo as principais informações. Além disso, as rádios locais anunciam o evento entre uma música e outra, lembrando os ouvintes da proximidade do acontecimento.

É realizado um extenso trabalho de marketing em torno da vaquejada do *Estrela Park Show*, facilitado pelas redes sociais. Vaqueiros, vaqueiras e outras figuras influentes no meio da vaquejada contribuem significativamente para o sucesso do evento ao compartilhar, postar e repostar os cartazes, confirmando presença e convidando o público a prestigiar o evento. Conforme Barbosa (2006, p. 79-80) destaca, a comunicação é uma forma de atividade social que envolve “a produção, a transmissão e a recepção de formas simbólicas” (p. 79). Além disso, independentemente do meio de transmissão, prevê-se um conteúdo simbólico. Portanto, sob essa perspectiva, o marketing em torno do evento do Estrela, assim como os meios utilizados para materializar o conteúdo simbólico inerente à vaquejada, existe por si só²⁵, refletindo a afirmação de Barbosa (2006, p. 83) de que “a absorção da cultura da vaquejada é feita mediante dispositivos que escapam ao controle do próprio mecanismo de comunicação”.

A cultura da vaquejada, aliada a um marketing eficaz, garante que todos os anos o espaço destinado aos vaqueiros fique lotado de caminhões e reboques vindos de várias cidades paraibanas e estados vizinhos. Essa área aberta, com aproximadamente 15 tarefas de terra, é reservada para alojar as equipes de vaqueiros, suas famílias e animais. Nesse espaço encontram-se o tanque de água potável para os cavalos, a descarregadeira e os banheiros dos vaqueiros. O parque é dividido em três grandes áreas, separadas por cercas e muros: 1) a pista de corrida; 2) a área comercial; e 3) o “bairro” dos vaqueiros.

Segundo Eriosvaldo Barbosa (2006), a vaquejada pode ser entendida como

²⁴ Se um parque (a equipe que representa um determinado parque de vaqueja) for convidado para prestigiar um evento de vaquejada e comparecer, significa, nas regras simbólicas da vaquejada, que o outro (quem convidou) tem uma espécie de obrigação de prestigiar o evento do amigo quando for feito.

²⁵ Esse conteúdo simbólico pode ser pensado através da cultura da vaquejada, que existe antes de todas essas mídias contemporâneas, embora, a vaquejada também possa ser vista (e o é) como um produto cultural. Para entender melhor essa perspectiva, sugiro consultar o capítulo V do livro *Valeu Boi, O Negócio Da Vaquejada* (Barbosa, 2006, p. 75 a 90).

uma pequena cidade, com base nas diversas práticas sociais que existem nesse contexto. Para o autor, a organização social emanada em um parque de vaquejada possui significados que ganham um sentido próprio no universo do vaqueiro. Barbosa evoca os conceitos de “zona residencial” e “zona central” para elucidar a divisão dessa organização e distribuição dos espaços do parque em “a casa” e “a rua”. A zona residencial corresponde à “casa caminhão”, enquanto a zona central é destinada ao comércio, à arena e à agitação da rua, o espaço impessoal. Em consonância, DaMatta (1986) ²⁶ faz essa distinção entre casa e rua, público e privado, para analisar a dinâmica social em diferentes contextos:

Há uma divisão clara entre dois espaços sociais fundamentais que dividem a vida social brasileira: o mundo da casa e o mundo da rua – onde estão, teoricamente, o trabalho, o movimento, a surpresa e a tentação. É claro que a rua serve também como o espaço típico do lazer. Mas ela, como um conceito inclusivo e básico da vida social – como “rua” –, é o lugar do movimento, em contraste com a calma e a tranquilidade da casa, o lar e a morada (DaMatta, 1986, p. 15- 16).

De acordo com DaMatta (1986), essa divisão entre a casa e a rua, que também pode ser vista como a distinção entre o público e o privado, não representa apenas locais geográficos ou físicos, mas sim espaços sociais. Esses espaços são impregnados de princípios e valores culturais que são reconhecidos e legitimados pela sociedade. Assim, a vaquejada, ao organizar-se em torno dessas divisões, reflete e reforça os significados culturais e sociais específicos do universo do vaqueiro.

Seguindo essa perspectiva, buscamos compreender a vaquejada não apenas como um espaço físico e definido, repleto de diversos agentes sociais, mas como uma pequena parte do mundo que engloba uma organização social própria, um linguajar específico e relações sociais que transitam entre o físico e o simbólico, com significados que fazem sentido apenas dentro do contexto da vaquejada e através de seus personagens. Esses personagens, por vezes, parecem estar alheios às transformações que ocorrem “fora” de seu “mundo” (como política, religião e lutas sociais), mas refletem, em cada traço e comportamento, os valores, linguagens e códigos vigentes na sociedade brasileira.

A dinâmica em uma vaquejada parece ser sempre a mesma: o trabalho e a diversão se entrelaçam, com o objetivo final de cada evento sendo correr bem e

²⁶ Para se aprofundar, ler a obra *O que faz o Brasil, Brasil*

conquistar o prêmio e o troféu. Os diversos agentes sociais seguem uma certa "regra de conduta" e um comportamento hierárquico, segundo os quais aqueles que possuem mais e os melhores prêmios, cavalos de maior qualidade e mais participações²⁷, conseqüentemente, detêm maior status e ocupam posições mais elevadas nessa hierarquia simbólica (Barbosa, 2006, p. 119-121). Segundo Aires (2008, p. 14), isso se insere no contexto da diversidade sociocultural da vaquejada pois:

o "ser vaqueiro" poderá se dar através do modo como se subjetivam os ambientes do parque para interagir com o outro e conferir significado as práticas. O foco dessa formação se encontra na maneira como ele, o vaqueiro, delimita a sua posição nas vaquejadas e como compreende o evento pelas competições e pelas relações entre os seus competidores. Concorrer e buscar prêmios é a matriz desse universo. Já sua filial se dá pelo contato entre os vaqueiros fora da pista de competição sobretudo no cenário do parque de vaquejada, que configura sentidos contextualizados de cada ator social. (Aires, 2008, p. 14).

Vale destacar que os agentes sociais envolvidos na vaquejada não se limitam aos vaqueiros e vaqueiras. Incluem também locutores, juizes, calzeiros, curraleiros, fiscais, equipe de filmagem, e diversos outros personagens. Cada um desempenha um papel específico e possui uma posição e importância variáveis dentro da dinâmica hierárquica desse ambiente.

A organização e disposição dos ambientes dos parques de vaquejada, tidos por Barbosa (2006) e Aires (2008) como a "casa" e a "rua", nos ajuda a compreender como esse mundo é pensado e praticado. No contexto específico do *Estrela Park Show*, o termo "rua" refere-se ao ponto mais elevado do terreno, onde se encontra a arena e toda a área comercial do parque. É nesse espaço que as interações entre os vaqueiros assumem um caráter mais impessoal. Os bares, restaurantes e lojas compõem o centro comercial para os visitantes, enquanto a casa de shows representa uma das principais atrações do evento.

A casa de shows do parque Estrela tem um espaço amplo com capacidade para aproximadamente quatro mil pessoas. Parcialmente coberta, seu interior inclui dois camarotes, um bar e quatro banheiros. Próximo ao portão de entrada estão localizados a bilheteria, o escritório e quatro saídas de emergência distribuídas

²⁷ Participa de mais vaquejadas.

estrategicamente. A casa de shows abre ao público apenas no sábado à noite, sendo o único dia com apresentações de bandas musicais, todas de forró, um ritmo que, de acordo com Barbosa (2005, p. 72), é "o marido da vaquejada". Este ano, as atrações artísticas incluíram Zé Vaqueiro, Ramom e Randinho e Forró Real, com ingressos do segundo lote vendidos a R\$ 160,00 antecipadamente, um valor que ao final do evento, representa boa parte dos lucros do parque.

O estacionamento do parque Estrela destinado para visitantes tem capacidade para cerca de 1500 veículos, e na 9ª edição do evento, o proprietário relatou um lucro adicional de mais de R\$ 20.000,00 apenas com o estacionamento. Na noite de sábado²⁸, o custo era de R\$ 25,00 por carro e R\$ 15,00 por moto para estacionar. Adjacente à casa de shows, encontra-se o bar e restaurante do parque, além de mais dois banheiros, que funcionam 24 horas durante os quatro dias de eventos.

O parque conta ainda com dois camarotes, um destinado aos convidados do proprietário e o outro para o público que adquire a pulseira de acesso à arquibancada. O primeiro está localizado acima do brete, onde também se encontra a cabine de locução. O segundo camarote está posicionado acima da cabine de filmagem e do escritório do parque, situados no final da pista de corrida, paralelos aos currais de separação dos bois corridos. Na lateral direita, ao longo do corredor de retorno dos bois, está a cabine de julgamento. Na lateral esquerda, há quatro principais divisões: a casa de shows com os bares, o pátio comercial, a arquibancada separada da pista pelo corredor de retorno dos vaqueiros e vaqueiras, e o estacionamento reservado aos competidores e suas equipes, além do estacionamento comercial.

Em meio as áreas comuns do parque é possível identificar pessoas de todas as idades e estilos e muitas vezes os visitantes vestem-se de forma semelhante aos vaqueiros. O comércio no pátio do parque é diversificado, incluindo barracas de lanches, bebidas, carrinhos de guloseimas e lojas de artigos diversos. Nas lojas, os produtos são principalmente voltados para homens, como botas, bonés, camisas e cintos, todos relacionados ao universo do vaqueiro. Um espaço infantil oferece entretenimento com um pula-pula e um touro mecânico. À noite, os bares, barracas e o pátio ficam lotados com os visitantes, que transitam livremente enquanto seguranças e a polícia fazem rondas frequentes.

No que compete aos ambientes frequentados pelos competidores, o corredor

²⁸ As bandas musicais se apresentam apenas no sábado, os demais dias de vaquejada, o forró é grátis, no pátio, com bandas pequenas, geralmente de Cajazeiras e regiões vizinhas.

de retorno é o espaço onde vaqueiros e vaqueiras se encontram com mais frequência, mesmo aqueles que não têm intimidade entre si. Nesse ambiente, eles conversam, trocam dicas e avaliam seus desempenhos na pista, ou ao menos se cumprimentam. Os competidores e competidoras também utilizam o corredor para interagirem com o público e profissionais de outros setores da vaquejada.

Mesmo quando não estão competindo, os vaqueiros e vaqueiras costumam estar vestidos com seus trajes de corrida e podem usar acessórios como capacetes, luvas e esporas. Observa-se uma mistura do urbano com o rural no ambiente da "rua". O policiamento, o comércio e a diversidade musical refletem essa fusão. Embora o forró seja o ritmo predominante, outros gêneros musicais como funk, pagode e pop também são tocados nos bares e no pátio comercial, ilustrando a convivência entre diferentes culturas.

Diante desse cenário complexo e plural, é possível observar que a estrutura e organização do espaço da "rua" do parque Estrela funcionam como um meio para que os indivíduos possam expressar-se social e culturalmente. No que diz respeito às relações de gênero vigente na sociedade, essas expressões manifestam-se no universo da "rua subjetiva", conforme a maneira como os gêneros masculino e feminino se percebem socialmente no evento (Aires, 2008, p. 67).

Ao analisarmos a área definida como a "casa" no parque Estrela, percebemos que esse espaço está situado na parte baixa do terreno, em contraste com a área correspondente à "rua", localizada na parte alta. Tal diferenciação foi adotada pelos próprios vaqueiros e vaqueiras, que passaram a utilizar o termo "em cima" para se referirem ao ponto comercial do parque (a "rua") e "embaixo" para se referirem à "casa", o local onde montam seus estacionamento e estabelecem suas "barracas"²⁹.

No território entendido como "casa", os veículos dos vaqueiros são estacionados seguindo um padrão que permite a circulação de outros veículos, montarias e pedestres, formando uma espécie de avenida entre eles. Os postes de alta tensão, com forte iluminação espalhados pelos espaços abertos, agora preenchidos pelas barracas semi enfileiradas e iluminadas, conferem um ar de urbanização ao ambiente. Cada equipe tem seu próprio espaço, onde "morarão" durante os quatro dias do evento.

²⁹ Os caminhões mais sofisticados ou os reboques são equipados com a cozinha interna e até mesmo o quarto, mas mesmo sofisticados ou não, todos erguem uma cobertura com lona próximo ao seu veículo, e isso acaba dando o nome de barraca.

As barracas são erguidas a uma certa distância uma da outra. Os cercados, onde ficam as baías improvisadas e o espaço de socialização, são montados ao redor da barraca, proporcionando uma certa privacidade às equipes. Na maioria das barracas, há uma cozinha fixa³⁰ ou improvisada³¹. O ambiente de dormir também tem um grau de privacidade, enquanto o espaço "comum" — seja um camarote³² planejado ou um simples espaço próximo à barraca com mesas e cadeiras — não possui a mesma privacidade. Esses espaços comuns são onde os vaqueiros se reúnem para conversar, ingerir bebidas alcoólicas, relembrar corridas passadas e discutir sobre cavalos bons e ruins. Nesse ou em qualquer outro ambiente da barraca, os visitantes não se aproximam sem ser convidados a sentar; caso o convite não seja feito, a permanência é breve, geralmente como ocorre em nossas próprias casas (DaMatta, 1986).

Dessa forma, os dois lados, a "casa" e a "rua", complementam-se no cenário da vaquejada, pois ambos refletem as experiências e vivências de vaqueiros e vaqueiras, além de ilustrar como as mulheres competidoras são recebidas e inseridas nesse meio predominantemente masculino. A "casa", com seu ambiente de privacidade e convivência íntima, permite observar as dinâmicas internas, hierarquias e interações pessoais que ocorrem entre os competidores, evidenciando a construção de laços e a manutenção de tradições. Por outro lado, a "rua" representa o espaço público e comercial, onde as interações são mais impessoais e o aspecto competitivo é mais destacado.

Assim, pontuaremos na discussão seguinte a estadia das vaqueiras durante três dias na 10ª vaquejada do *Estrela Park Show*, e quais locais elas ocupam dentro desse cenário. Analisaremos as possíveis barreiras enfrentadas por essas mulheres, tanto na "casa" quanto na "rua", e como elas negociam suas posições e afirmam sua identidade nesse ambiente tradicionalmente dominado por homens. Além disso, examinaremos as formas de apoio e resistência encontradas pelas vaqueiras, bem como as mudanças culturais e sociais que suas participações podem estar

³⁰ Quando são caminhões ou reboques maiores, dependendo do poder aquisitivo do proprietário, esses veículos são planejados e equipados com os ambientes devidos onde a cozinha tem um espaço muitas vezes reservado permanentemente só para ela.

³¹ Outras vezes a cozinha é montada ao chegar e desmontada ao final da corrida para ceder espaço para os animais que irão viajar.

³² Os caminhões mais bem equipados possuem uma área elevada na sua lateral externa, geralmente coberta com um toldo, onde são colocados as mesas e cadeiras para receber os conhecidos que visitam o caminhão.

promovendo no contexto da vaquejada.

3.2.2. Experiências de um fim de semana: 10^a vaquejada do *Estrela Park Show* e a pesquisa de campo

No décimo evento do *Estrela Park Show*, Cajazeiras-PB, foram disponibilizadas inicialmente 150 inscrições (senhas) para a categoria feminina, das quais apenas 52 foram efetivadas, indicando a participação de aproximadamente 20³³ vaqueiras ao longo dos três dias de competição³⁴ pelo prêmio de R\$ 1.000,00. Durante esse período, foram realizadas conversas com dezoito vaqueiras, de localidades diferentes, entretanto, somente quatro concordaram em participar da pesquisa.. de diversas localidades próximas a Cajazeiras – PB, além de outras regiões, incluindo uma vaqueira do Ceará³⁵, da cidade de Icó. As quatro participantes são 3 da cidade de Triunfo-PB, e 1 da cidade de Sousa-PB vaqueiras entrevistadas que aceitaram compor o presente trabalho, três são cidade de Triunfo-PB e uma da cidade de Sousa-PB, destas quatro, somente duas competiram, sendo estas as que foram acompanhadas ao longo dos três dias do evento.

As quatro vaqueiras entrevistadas, possuem idades entre 17 e 25 anos. Duas delas são casadas e duas são solteiras. Uma das entrevistadas completou o ensino médio, enquanto outra está cursando essa etapa. Uma das vaqueiras está matriculada no curso de Enfermagem, enquanto outra possui graduação em Educação Física e está realizando um curso de fotografia. Todas as quatro vaqueiras possuem uma ocupação adicional à vaquejada, sendo que é dessa fonte de renda que provém a maior parte dos recursos que elas investem nas competições de vaquejada.

A escolha das vaqueiras para comporem as entrevistas se deu, previamente, pelos perfis do *Instagram*, por onde foi feito o primeiro contato com as vaqueiras. Posteriormente, nos encontramos em treinos (com três das quatro entrevistadas) onde tivemos o segundo contato. Após isso, foram aproximadamente 20 encontros entre bolões, treinos e visitas descontraídas a suas residências, no decorrer de um ano.

³³ Cada vaqueira podia correr até duas senhas, por profissional ou por cavalo. Assim, estima-se que cada competidora fez o limite máximo que era permitido.

³⁴ As senhas foram corridas nos dias 4, 5 e 6 de abril (quinta, sexta e sábado), no dia 7 (domingo) ocorreu apenas as disputas de todas as categorias.

³⁵ Conversamos muito durante a noite do sábado é amiga das quatro entrevistadas, e foi através delas que nossa conversa iniciou. Mas ela foi uma das vaqueiras que não aceitou ser gravada, por não se sentir, como a maioria, confortável com a presença do gravador.

Para as entrevistas, foi aplicado um questionário com treze perguntas previamente elaboradas e aplicadas, com as vaqueiras. Três das entrevistas foram realizadas na residência das vaquejadas, na comunidade de Pilões, Triunfo-PB, e uma na vaquejada do *Estrela Park Show*, Cajazeiras-PB.

Quanto à inspiração e à inserção dessas mulheres na vaquejada, todas mencionaram a influência masculina como fator motivador, citando figuras como tios, avôs ou maridos. Isso é corroborado pelo depoimento de uma das vaqueiras, que será referida na pesquisa como Maria (2024):

Quem me influenciou a tá nesse mundo hoje foi meu marido. Ele... Eu comecei a acompanhar os passos dele e estamos aí até hoje. E para mim começar a correr foi um incentivo dele, tinha um cavalo na fazenda que a gente morava que era bem mansinho, aí ele disse, é bom tu aprender nesse aqui, pronto, aprendi. Com três meses fui correr (Maria, 2024)³⁶

A vaqueira mais jovem das quatro, a qual chamamos de Lívia (2024), mencionou, além das referências masculinas, a sua irmã mais velha³⁷, que monta a cavalo desde a infância e compete desde os 15 anos:

Todos na minha família, pai, tio, avô e minha irmã. [...] Comecei a montar eu tinha nove anos. Lá em meu avô, titio é vaqueiro, tem patrão e sempre trabalhou com cavalo. Lá tem pista e tem treino toda tarde. Belinha já treinava, então já tinha cavalo certo para eu montar. Ela andava a cavalo desde 2 anos, então para mim foi mais fácil porque já tinha tudo, né? Ela já tinha experiência, então era só eu começar igual ela. E meu tio nos ensina nos treinos (Lívia, 2024).

A partir do relato acima, observa-se não apenas a influência masculina nas práticas das competidoras, mas também o conhecimento adquirido sobre a vaquejada. Todas as vaqueiras com quem conversamos destacaram que se preparam intensamente ao longo da semana para participar dos eventos. Este treinamento é contínuo e abrange tanto atividades na pista, como o manejo do cavalo fora dela, ao longo dos vários dias. As entrevistadas mencionam atividades como caminhar com o cavalo, cuidar do banho, da alimentação, dos cuidados gerais e da doma. A habilidade técnica adquirida através desse treinamento e da interação diária com os cavalos é

³⁶ Todos os nomes das entrevistadas são fictícios.

³⁷ Também fez parte da entrevista.

fundamental para se tornar uma "boa vaqueira"³⁸ (Aires, 2008, p. 133) (Barbosa, 2006, p. 115).

Das vaqueiras que tivemos acesso na vaquejada do Estrela Park, todas as entrevistadas, formalmente ou não, relataram dificuldade em treinar diariamente. Ou por demandas do trabalho, acadêmicas e/ou por falta de um local para passar seu equino, como é o caso da entrevistada Maria que, ao ser questionada sobre as suas maiores dificuldades para participar de uma corrida, relata:

É o transporte e não ter onde você treinar. É a maior dificuldade. É que a gente precisa ter que alugar transporte, isso e aquilo outro para poder levar seus animais [...] Teve um tempo que eu treinava muito aqui no parque aqui perto né? Mais daí, teve umas discussões, umas desavenças, que não tínhamos nada haver... mas aí eu me dedicava indo lá para o Carretão, treinar lá. Podia se dizer que todo santo dia eu tava lá treinando. Mas hoje parei mais, a gente já voltou a se comunicar e estamos aí (Maria, 2024).

Nesse relato, também podemos observar a dificuldade decorrente da falta de patrocínio. Como mencionado anteriormente, a vaquejada contemporânea segue uma lógica empresarial, tornando-se uma prática dispendiosa para os competidores, que frequentemente enfrentam altos custos sem garantias claras de retorno apenas pela participação nos eventos. Os patrões ou patrocinadores desempenham um papel crucial ao assegurar a participação dos vaqueiros nas vaquejadas, cobrindo despesas como transporte, alimentação, inscrições e montarias para seus funcionários (Barbosa, 2006; Aires, 2008). Das quatro entrevistadas, três relataram que precisam arcar sozinhas com todas as despesas relacionadas à participação nas competições, tal qual aponta a vaqueira Mariana (2024) em parte do seu depoimento:

Hoje a gente tem vaqueiras contratadas profissionalmente, assalariadas, né, dentro da vaquejada! Mas lá fora, aqui na nossa região não. Aqui ainda é um pouco escasso essas oportunidades, geralmente não tem. Toda... a maioria que eu conheço aqui elas correm pra si próprias, difícil um... um patrocínio. (Mariana, 2024)

No contexto dos treinos, nos quais a maioria dos participantes é do sexo masculino, observam-se predominantemente dois tipos principais de comportamento

³⁸ O termo foi usado tanto por Aires (2008) quanto por Barbosa (2006) ambos para se referir aos vaqueiros que competem e ganham prêmios com frequência em competições, assim, se consolidando nesse meio e ganhando respeito e fama de bom profissional.

para com as competidoras femininas. Um deles é o incentivo oferecido pelos familiares (como tios, avôs, pais e maridos), que encorajam as vaqueiras, dão suporte moral e fornecem orientações sobre como corrigir erros durante as práticas. Por outro lado, parte dos outros participantes adota críticas não construtivas, como descrevem as vaqueiras Maria (2024) e Lívia (2024) em seus relatos:

Uma vez, num treino aqui perto, quando viram que eu tava montada em um cavalo, um monte de homem que tava assim na frente. Eu tava atrás assim com meu marido. Aí os homens começaram a mangar de mim, dizer que eu nunca ia chegar aonde eu queria. E meus animais também nunca ia conseguir chegar também não. Mas hoje em dia eu tô aqui, tenho muito mais troféu que muito homem por aqui (Maria, 2024).

Titio ou Pedro é quem sempre bate para mim, nos treinos, na vaquejada é só titio, mas no treino Pedro também bate e ele fica olhando a carreira. Aí ele ver onde eu tô errando, onde o cavalo tem que melhorar aí ele me ensina. As vezes ele também passa meu cavalo para saber como ele tá correndo e poder ensinar melhor como eu deveria fazer. [...] já os outros, os outros ficam com piada, o caba já fica nervosa, aí um monte de gente que parece que tá torcendo para você errar... tem vezes que eu passo dois bois e já não vou mais, só de raiva. Mas na frente de titio eles num diz nada não (Lívia, 2024).

A desvalorização da mulher vaqueira se evidencia claramente ao considerar os relatos dessas mulheres. Frases como "lugar de mulher é em casa", "só podia ser mulher mesmo", "tá vendo que uma mulher não tem força para derrubar um boi", entre outras, são citadas por todas as vaqueiras entrevistadas³⁹. Essas percepções, influenciadas por diferentes fatores, frequentemente levam ao afastamento ou até mesmo à desistência das mulheres da vaquejada. Além disso, o fato de apenas uma pequena fração das entrevistadas ter aceitado participar da pesquisa pode indicar um possível receio ou resistência em compartilhar suas histórias e desafios, devido às questões machistas e discriminatórias presentes no ambiente. Isso por si só revela uma dinâmica significativa de gênero neste contexto.

Historicamente, homens e mulheres foram designados a papéis distintos na sociedade. À mulher cabia o papel de reprodutora, com funções restritas aos cuidados com os filhos, tarefas domésticas e submissão ao homem. Este, por sua vez, era visto como dominador e provedor, responsável por zelar pela mulher como sua propriedade

³⁹ Tanto as entrevistadas formalmente quanto as que aceitaram conversar, mas não aceitaram serem gravadas.

e sustentar a família, ocupando uma posição ativa na sociedade. Esse poder foi atribuído principalmente devido à ideia de que sua força física o tornava superior à mulher (Amorim e Torres, 2012, p. 378, 379).

Essa divisão de papéis se reflete nas pistas de corrida. No corredor de retorno do parque Estrela, termos como "o que essas mulheres estão fazendo aí no meio dos homens", "mulher inventando de fazer coisa de homem..." e várias outras frases semelhantes foram ouvidas das arquibancadas ou comentadas por vaqueiros durante as corridas em que as mulheres competiam. Apesar de receberem elogios e aplausos da plateia e ocasionalmente serem parabenizadas por outras vaqueiras e vaqueiros no corredor de retorno, as vaqueiras enfrentam aversão e discriminação significativas por não serem vistas como adequadas para a prática do esporte, seja na pista ou na área superior do *Estrela Park Show*.

Na "casa", localizada no lado de baixo do parque onde as equipes estacionam e residem durante o evento, a recepção para com essas mulheres por parte dos vaqueiros não é muito diferente daquela do público em geral. Durante os três dias de evento, as duas mulheres que acompanhamos enfrentaram alguns desafios significativos. A maioria dos vaqueiros costuma fazer comentários depreciativos e críticas não construtivas, o que acaba desencorajando as competidoras femininas. Além disso, as mulheres vaqueiras frequentemente veem suas atividades negligenciadas, pois muitos vaqueiros ignoram que elas estão lá para competir, assim como eles, e frequentemente tentam atribuir às mulheres todas as tarefas domésticas da "casa", tal qual aconteceu com uma das entrevistadas.

A vaqueira Maria (2024) foi para a vaquejada do parque Estrela acompanhada de seu esposo, que também atua como seu esteireiro, na tarde de quinta-feira. Ela explicou que não pôde ir apenas no dia em que competiria porque a carona para levar seu animal partiu na terça-feira e retornaria apenas no domingo, o que significava que ela precisaria passar os quatro dias no evento. Durante esse período, Maria(2024) ficou responsável por cozinhar todas as refeições para os vaqueiros de sua equipe, contando apenas com a ajuda de outras vaqueiras que passassem pela barraca.

Segundo o depoimento de Maria (2024), nenhum dos vaqueiros do sexo masculino se prontificou a ajudar nas tarefas domésticas. Quando questionados sobre o motivo pelo qual apenas a vaqueira estava cozinhando, responderam que "se tem uma mulher aqui, não precisa que nós façamos esse serviço". Tudo que se relacionava ao mundo doméstico, era pedido a Maria (2024), diretamente ou

indiretamente⁴⁰, ato que se traduz em uma clara prática de machismo.

Na percepção das vaqueiras, a prevalência do machismo nas vaquejadas é uma realidade frequente. Em várias ocasiões, as entrevistadas narraram ter sido pessoalmente afetadas ou ter testemunhado incidentes em que outras mulheres foram alvo de discriminação ou tratamento injusto. Sobre uma dessas experiências pessoais a vaqueira Mariana (2024) relatou o seguinte:

Aah, eu já fui vítima várias vezes. De escutar as piadinhas de que a gente ia empalhar a corrida. Quando eu entrar na pista, pelo fato do meu porte físico ser assim, num ser grande, né, por eu ser um pouco magrinha, julgam muito. Eu já ouvi gente de fora gritando... quando eu entro na pista eu entro pra correr, me concentro e foco na corrida, mas mesmo assim, a gente ainda escuta. "Aah, com esses braços dessa grossura vai conseguir derrubar um boi?". E isso é muito ruim. A gente já tá nervosa, porque fica nervosa, todo mundo fica, a pressão, a responsabilidade e o perigo, porque é perigoso também. E ainda tem essa pressão de fora. Tem gente que nunca nem montou num cavalo, só sabe de vaquejada na teoria, mas se acha saber mais do que nós que praticamos, só porque nós somos mulheres (Mariana, 2024).

As outras vaqueiras também compartilharam experiências semelhantes que ocorrem rotineiramente nas vaquejadas. Elas frequentemente relatam exemplos relacionados à aprovação ou questionamento da sua feminilidade, a contar pela forma como as mesmas se relacionam com a vaquejada. Se a vaqueira possuir traços delicados e acentuados, sua feminilidade é encarada com admiração sendo frequentemente vinculada à "beleza de ver uma mulher correndo como os homens, sem medo..." (Lívia, 2024), ou ainda como "mesmo competindo na vaquejada, ainda mantêm a delicadeza de menina" (Mariana, 2024). No entanto, quando uma vaqueira se destaca em uma corrida e demonstra ser uma competidora habilidosa, muitas vezes isso é atribuído a características tradicionalmente associadas ao masculino, levantando questionamentos sobre sua feminilidade e até mesmo sua sexualidade como revela o depoimento da competidora Fernanda (2024): "Já me perguntaram se eu gosto de mulheres, porque eu corro como um homem, e aqueles que sabem dizem que eu não sou mulher, sou um 'macho *escritim*'."

Tais discursos evidenciam como os códigos sociais impõem à mulher ideais de beleza, delicadeza e fragilidade, características frequentemente associadas às

⁴⁰ Os vaqueiros que não tinham uma relação muito próxima com a vaqueira, faziam o pedido ao marido, para que ele pedisse a ela para fazer algo, como "um cafezinho quente" por exemplo

expectativas de gênero em diversos contextos, incluindo a vaquejada. De maneira preconceituosa, o fator biológico, especialmente a suposta fragilidade física das mulheres, é imposto como um "atestado de incompetência" para as vaqueiras, um fenômeno problemático e segregatório, conforme aponta Barbosa (2006, p. 100).

O julgamento que rotula as mulheres como menos capazes devido à percepção de que possuem menos força e porte físico adequado para competirem em determinados esportes é discriminatório e facilmente contestável. Essa perspectiva negligencia tanto a diversidade de habilidades individuais entre as vaqueiras quanto o treinamento físico e técnico intensivo que muitas delas realizam para se destacar na vaquejada, chegando a superar muitas vezes os resultados obtidos pelos competidores do sexo masculino.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A introdução das mulheres na prática da vaquejada como competidoras representou e ainda representa um avanço significativo em termos de inclusão e diversidade no esporte, principalmente levando em consideração que as tradições sertanejas costumam ser permeadas pelo machismo velado. No entanto, a presença e a persistência da discriminação feminina e do sexíssimo evidenciadas nos parques de vaquejada analisados pela presente pesquisa, torna evidente que essas mudanças não foram acompanhadas por uma verdadeira igualdade de oportunidades e respeito.

Por mais que as normas constitucionais garantam igualdade perante a lei, a pesquisa foi eficaz em apontar que as mesmas são frequentemente contrariadas pela prática social e cultural que ainda marginaliza e subestima as mulheres vaqueiras, como debatido ao longo do terceiro capítulo. Isso não apenas perpetua estereótipos de gênero prejudiciais às competidoras, mas também limita o pleno desenvolvimento das habilidades e potenciais das competidoras femininas no cenário da vaquejada.

A disparidade salarial oferecida pelas premiações, reveladas pelos cartazes de divulgação dos eventos analisados pela pesquisa, expõe de forma contundente a desigualdade persistente entre vaqueiros homens e vaqueiras mulheres, nutrida e perpetuada ao longo de 10 anos, isso somente no espaço e período apreendidos pela nossa investigação. Esperava-se que, em tamanha janela de tempo, o cenário pudesse (e de certa forma devesse) ser outro, um mercado e referenciado pelo avanço nas questões de gênero talvez. No entanto, e infelizmente, o que notamos é que a marginalização econômica e social das vaqueiras apenas se perpetuou, negando-lhes o reconhecimento, a prosperidade e a valorização simplesmente proporcionados aos seus colegas masculinos.

Concomitante, o privilégio significativo concedido aos homens vaqueiros vem se fortalecendo, baseado no fato de que a prática da vaquejada é historicamente dominada pelo gênero masculino, servindo durante muito tempo como um símbolo de masculinidade, força e coragem. Ainda hoje, mesmo que de forma mais sutil, a vaquejada continua sendo um ambiente amplamente masculinizado, relegando as mulheres a um papel secundário e muitas vezes sem relevância como constatado em muitas das narrativas colhidas ao longo da pesquisa.

Essa dinâmica de exclusão que apresenta formas distintivas de rejeitar e

afastar as mulheres vaqueiras dos parques de vaquejada, levanta a questão de por que a ausência de uma categoria feminina mais efetiva e solidificada não causa estranhamento na sociedade. Isso pode ser explicado pela histórica falta de representações femininas em esportes de praticas estritamente masculinas que, por sua vez, pode ser atribuído à persistência de uma cultura machista e sexista, que define as mulheres principalmente pelo seu sexo, associando-as a características como fragilidade, dependência e incapacidade para ocupar e desempenhar papéis considerados tradicionalmente masculinos.

Nesse sentido, alcançar oportunidades iguais para vaqueiros e vaqueiras exige um longo e árduo caminho a ser percorrido, uma jornada que envolve transformações sociais, políticas e estruturais. Transformar a vaquejada em um ambiente igualitário entre gêneros, com salários, prestígio e respeito equivalentes, parece um empreendimento difícil de se concretizar plenamente sem uma reestruturação profunda em toda a sociedade brasileira. Para isso, é necessário que a sociedade reconheça a importância da participação das mulheres em práticas como a vaquejada e esteja consciente e disposta a reivindicar e lutar pelos direitos delas.

O "start" desse processo já aconteceu e está em andamento. Conforme revelado pela pesquisa, existem poucas, mas resistentes e corajosas mulheres dispostas a enfrentar o machismo nos meios dominados por ele. Esse é o caso das vaqueiras Maria (2024), Fernanda (2024), Mariana (2024) e Lívia (2024), que representam a resistência e a determinação necessárias para desafiar e transformar as práticas desiguais na vaquejada.

REFERÊNCIAS

- ABOUT UN Women. 2010. **Un Women**. Disponível em: <https://www.unwomen.org/en/about-us/about-un-women>. Acessado em 12 de dezembro de 2023.
- ABVAQ**, 2019. Disponível em <http://www.abvaq.com.br/>. Acessado em 10 de dezembro de 2023.
- AIRES, Francisco Janio Filgueira. **O espetáculo do "cabra macho"**: Um estudo sobre os vaqueiros nas vaquejadas do Rio Grande do Norte. UFRN. Natal - RN. 2008.
- ALBURQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de. **Nordestino**: Invenção do "falo" uma história do gênero masculino (1920 - 1940). 2ª Ed. Editora Entemeio. São Paulo - SP. 2013
- ALVAREZ, J.; PASSOS, E. Cartografar é habitar um território existencial. *In.* : PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. da (Org.). **Pistas do método da cartografia**: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2009. p. 131-149.
- AMARAL, Débora Maria Gomes Messias; GAMA, Gustavo Bianchetti Lima. A (In)Constitucionalidade da EC 96/2017. **Revista justiça & cidadania**. 2021.
- ARRUDA, G. C. M. Trabalho, riqueza e dominação no sertão do Nordeste do Brasil. Cadernos Do CEAS: **Revista crítica De Humanidades**. 2005.
- BARBOSA, Eriosvaldo Lima. **Valeu boi**: o negócio da vaquejada. Teresina – PI, 2006
- BARBOSA, Honório. Vaquejada está proibida em todo o território nacional. **Diário do Nordeste**. 7 de outubro de 2016. Fortaleza - CE. Disponível em <https://www.google.com/url?sa=t&source=web&rct=j&url=https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/regiao/amp/vaquejada-esta-proibida-em-todo-o-territorio-nacional1.1629877&ved=2ahUKEwjcuJPO45j1AhUtGLkGHS5iB684FBAWegQIFRAB&usg=AOvVaw19M0pMsOR5EYhskZu4thJR>. Acessado em 27 de dezembro de 2023.
- BARBOSA, Honório. Vaquejada se modernizou, mas mantém as tradições. 13 de setembro de 2016. **Diário do Nordeste**. Disponível em: <https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/regiao/vaquejada-se-modernizou-mas-mantem-as-tradicoes-1.1615650>. Acessado em: 25 de dezembro de 2023.
- BARREIRA JÚNIOR, Agostinho Fonseca. Vaquejada: Análise do empreendimento com base na gerência de processos. **Repositório UFC**. Fortaleza - CE. 2000.
- BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**. Difusão europeia do livro. 4ª edição. São Paulo - SP. 1949.

BELO, Eliseu Antônio da Silva. A emenda da vaquejada e o efeito *backlash*. **Revista do Ministério Público do Estado do Rio de Janeiro**. nº 74, out./dez. 2019

BEZERRA, José Fernandes. **Retalhos do meu sertão**. Leão do mar. Rio de Janeiro - RJ. 1978.

BORGES, Regilson. Primeiro lugar na maior vaquejada do Brasil é de Imperatriz. 2019. Nossa gente, **Blog Prefeitura de Imperatriz - MA**. Disponível em: <https://imperatriz.ma.gov.br/blog/nossa-gente/primeiro-lugar-na-maior-vaquejada-do-brasil-e-de-imperatriz.html>. Acessado em 25 de dezembro de 2023.

BRASIL, PL nº 8647 de 2017

BRASIL, Projeto de lei nº x, de 2011. Congresso nacional.

BRASIL. Diário oficial da união. n 181. Quarta-feira, 18 de setembro de 2019.

BRASIL. Diário oficial da união. n 201. Quarta-feira, 16 de outubro de 2013.

BRASIL. Lei n.º 3.353, de 13 de maio de 1888. Abole a escravidão no Brasil. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/lim/lim3353.htm. Acesso em: 27 jun. 2023.

BRITO, Cleiton da Silva. O folgado do boi no nordeste brasileiro: Performance cênica e mito. **Repositório UNILAB**. Redenção - CE. 2016.

BURKE, Peter. **Cultura Popular na Idade Moderna**: Europa 1500 – 1800. 2ª Ed. 2014. São Paulo – SP. Editora Cia dos Livros

CÂMARA aprova em 1º turno PEC que torna a vaquejada constitucional. 10 de maio de 2017. Direito e justiça. **Câmara dos Deputados**. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/noticias/513707-camara-aprova-em-1o-turno-pec-que-torna-a-vaquejada-constitucional/>. Acessado em 25 de outubro de 2023.

CANCIANI, Pamela Maiara Chaves; CANABARRO, Ivo dos Santos. Sexismo institucionalizado no cotidiano: a educação em direitos humanos como mecanismo de transformação. **Anais XXI jornada de pesquisa**. UNIJUÍ. Rio Grande do Sul. 2016.

CARVALHO, Cícero Pércles de Oliveira. Manuel Correia de Andrade e a economia política do Nordeste. **Revista contexto geográfico**. Maceió - AL V.1. N. 1. julho/2016. P.13–27.

CARVALHO, Josely. Aos 23 anos, ela mostra a força da mulher na vaquejada; no Clicks do Mês, conheça a história da jovem de Geminiano, Andresa Mendonça. 30 de março de 2022. **Cidades Net**. Click do mês. Disponível em: <https://cidadesnanet.com/news/destaque-3/aos-23-anos-ela-mostra-a-forca-da-mulher-na-vaquejada-no-clicks-do-mes-conheca-a-historia-da-jovem-de-geminiano-andresa-mendonca/>. Acessado em: 27 de dezembro de 2023.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Vaqueiros e Cantadores**. 1ª Ed. 2005. São Paulo – SP. Editora

CAVALCANTI, Adriana Priscilla Costa. **Entre tabus e aplausos: os olhares da sociedade sobre as mulheres vaqueiras da Bahia (1960-2018)**. 2021. Disponível em: <https://gcorpo.wordpress.com/2021/01/12/entre-tabus-e-aplausos-os-olhares-da-sociedade-sobre-as-mulheres-vaqueiras-da-bahia-1960-2018/>.

CAVALCANTI, Adriana Priscilla Costa. A vaquejada do nordeste e a princesa do sertão: A “cartografia dos desejos” desvelando recortes de uma história em particular. **IX Encontro estadual de história**. Bahia. 2018.

COMISSÃO aprova proposta que reconhece vaquejada como esporte. Educação, Cultura e Esporte. **Câmara dos Deputados**. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/noticias/830094-comissao-aprova-proposta-que-reconhece-vaquejada-como-esporte/>. Acesso em 30 de outubro de 2023.

CURI, Luiz Felipe Bruzzi; SAES, Alexandre Macchione. Roberto Simonsen e a modernização do Brasil na primeira república. **História econômica & história de empresa**. vol. 17. nº 2. 2014.

DAMATTA, Roberto. **O que faz o brasil, Brasil?** Rio de Janeiro: ROCCO. 1986.

DAMITZ, Caroline Vasconcelos. O patriarcalismo conectado em rede: a superexposição e a objetificação da mulher no mundo virtual. **Repositório Universidade de Passo Fundo**. Passo Fundo - RS. 2018.

DELAJUSTINE, Ana Claudia. O feminismo como enfrentamento do biopoder em uma sociedade patriarcal. **Anais I congresso nacional de biopolítica e direitos humanos**. Rio de Janeiro – RJ. 2018.

DELAJUSTINE, Ana Claudia. O movimento feminista como espaço promotor de saúde mental. **Anais XXIII Jornada de Pesquisa**. UNIJUÍ. Rio Grande do Sul. 2018.

DINIZ, Joalisson Jonathan Oliveira. Entre repentes e sertões: presença, mudanças e continuidades da cantoria de viola no Seridó potiguar. **Repositório UFRN**. Caicó - RN. 2023.

EICKE JUNIOR, Berward. A herança colonial das instituições no Brasil. **Repositório UFSC**. Florianópolis - SC. 2018.

ENTENDA a história da iluminação pública no Brasil. 17 de julho de 2021. **IP Minas**. Disponível em: <https://www.ipminas.com.br/entenda-a-historia-da-iluminacao-publica-nas-cidades-do-brasil/>. Acessado em 26 de dezembro de 2023.

FAORO, Raymundo. **Os donos do poder**. Biblioteca Azul. Porto Alegre – RS. 2004.

FOI uma luta de 20 anos, diz ativista sobre fim da vaquejada no Ceará. 7 de outubro de 2016. **G1**. Disponível em: <https://g1.globo.com/ceara/noticia/2016/10/foi-uma-luta-de-20-anos-diz-ativista-sobre-fim-da-vaquejada-no-ceara.html>. Acessado em 5 de

julho de 2023.

GARCIA, Hermano Jucá Guimarães; CAMURÇA, Eulália Emília Pinho. Vaquejada: Manifestação cultural ou prática degradante? **Anais do XIV Encontro de Iniciação Científica da UNI7**. 2018.

HOUBRE, Gabrielle. Graciosa ou viril? A postura das amazonas no século XIX. **GENERO**. Niterói, v. 7, n. 2, p. 13-26, 1. sem. 2007.

JANARY JÚNIOR. Nova lei regulamenta vaquejada e rodeio: texto prevê proteção a animais. **Câmara dos Deputados**, Brasília, 18 ago. 2019. Seção Agropecuária. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/noticias/586617-nova-lei-regulamenta-vaquejada-e-rodeio-texto-preve-protecao-a-animais/>. Acesso em: 26 dez. 2023.

LEI que regulamenta vaquejada divide opiniões entre criadores de cavalos e defensores dos animais em Pernambuco. **G1**. Recife - PE. 18 de setembro de 2019. Disponível em <https://g1.globo.com/pe/pernambuco/noticia/2019/09/18/lei-que-regulamenta-vaquejada-divide-opinioes-entre-criadores-de-cavalos-e-defensores-dos-animais-em-pernambuco.ghtml>. Acessado em 27 de dezembro de 2021.

LEITE, Thiago. Vaquejada: pode ou não pode? O que o STF diz?, **Estratégia Concurso**, 2018, Disponível em: <https://www.estrategiaconcursos.com.br/blog/vaquejada-pode-ou-nao-pode-o-que-o-stf-diz/>. Acessado em 11 de dezembro de 2023.

LINHARES, Rafael Silva; SOUSA, Marana Sotero de. Perspectiva jurídica sobre a relevância socioeconômica e cultural da vaquejada e seus reflexos no direito dos animais. CCJS/UFCG - Sousa, PB, Brasil. **Regeas**, V. 2, Nº 1, p. 01-20, ANO 2020.

LUVIZOTTO, Caroline Kraus. **A (re)invenção da tradição no contexto da modernidade tardia**. Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010.

MARINHO, Clara. ABVAQ divulga programação oficial da Manifestação em Brasília. 2017. **Portal vaquejada**. Disponível em: <https://www.portalvaquejada.com.br/noticia/abvaq-divulga-programacao-oficial-da-manifestacao-em-brasilia>. Acessado em 15 de outubro de 2023.

MARIZ, Renata. Quase 3 mil protestam em Brasília contra proibição da vaquejada. 25 de outubro de 2016. **O Globo**. Brasil. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/brasil/quase-3-mil-protestam-em-brasilia-contraproibicao-da-vaquejada-20352079>. Acessado em 21 de dezembro de 2023.

MITTANCK, Vanuza Alves; GEVEHR, Daniel Luciano. **Movimentos feministas e a historicidade da mulher**: Sua busca por visibilidade e direitos. Memória, Identidade e Patrimônio cultural: uma contribuição dos estudos regionais. Editora ciência digital. 2021.

MULHERES na história. 2022. **Mulheres de luta**. Disponível em: <https://www.mulheresdeluta.com.br/category/mulheres-na-historia/>. Acessado em 12 de dezembro de 2023.

OLIVEIRA, Márcia de; MAIO, Eliane Rose. “Você tentou fechar as pernas?” – a cultura machista impregnada nas práticas SOCIAIS. **Polêmica**, v. 16, n.3, p. 01-18, julho, agosto e setembro 2016.

outubro de 2016. **G1**. Disponível em: <https://g1.globo.com/distrito-federal/noticia/2016/10/vaqueiros-ocupam-esplanada-em-ato-contra-proibicao-de-vaquejadas.html>. Acessado em 24 de dezembro de 2023.

PASTORINI, Vanessa. Mulheres francesas do século XIX: Trajetórias de lutas. Albuquerque: **revista de história**, vol. 13, n. 26, jul. - dez. de 2021.

PEDRO, Joana Maria. Relações de gênero como categoria transversal na historiografia contemporânea. **Topoi**, v. 12, n. 22, jan.-jun. 2011, p. 270-283.

PEREIRA, Helyanna de Siqueira. Pega de boi no mato. **Repositório UFRPE**. Serra Talhada – PE. 2019.

Portal Vaquejada. 2022. Disponível em: <https://www.portalvaquejada.com.br/>. Acessado em 02 de janeiro de 2024.

Regulamento do Vaqueiro – ABVAQ, 2017.

SANTOS, Anielle Brito Leite. Valeu o boi! Uma análise da vaquejada. **Repositório UNIVASF**. Petrolina – PE. 2017

SAUTCHUK, João Miguel Manzanillo. A poética do improviso: Prática e habilidade no repente nordestino. **Repositório Universidade de Brasília**. Brasília - DF. 2009.

SCOTT, Joan. Gênero: Uma categoria útil de análise histórica. **Revista Educação & realidade**. pp. 77 - 99. jul./dez. 1995.

SILVA, Bruna Camilo de Souza Lima e. patriarcado e teoria política feminista: possibilidades na ciência política. **Repositório UFMG**. Belo Horizonte - MG. 2019.

SILVA, Laenia Nascimento da. Do terreiro às pistas de corrida: a figura feminina nas disputas de vaquejada do sertão cearense. **32ª Reunião Brasileira de Antropologia**. 2020.

SILVA, Thomas de Carvalho. A prática da vaquejada à luz da Constituição Federal. 2007. **JusBrasil**. Disponível em: <https://www.jusbrasil.com.br/artigos/a-pratica-da-vaquejada-a-luz-da-constituicao-federal/649503250>. Acessado em 01 de dezembro de 2023.

SIMONE Fernandes, uma vaqueira de tradição. 2021. **Lance Rural**. Disponível em: <https://www.lancerural.com.br/simone-fernandes-uma-vaqueira-de-tradicao/>. Acessado em 15 de dezembro de 2023.

STF recebe ação contra prática de vaqueja no Ceará. 3 de julho de 2013. **Supremo Tribunal Federal**. Disponível em:

<https://portal.stf.jus.br/noticias/verNoticiaDetalhe.asp?idConteudo=242811&ori=1#>. Acessado em: 28 de dezembro de 2023.

TRIBUNAL de justiça do distrito federal e territórios. **Portal do TJDF**. Disponível em: <https://www.tjdft.jus.br>. Acesso em: 15 jul. 2023.

UNIVERSA, Júlia Flores de. Conheça as mulheres que enfretam homens e bois em vaquejadas pelo Nordeste. 16 de julho de 2021. **Universa**. Disponível em: <https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2021/07/16/vaqueiras-lutam-por-espaco-em-um-esporte-dominado-por-homens.htm>. Acessado em 28 de dezembro de 2023.

VAQUEIROS ocupam Esplanada em ato contra proibição de vaquejadas. 25 de

VAQUEIROS protestam pelo país contra a proibição da vaquejada. 11 de outubro de 2016. **G1**, Política. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2016/10/vaqueiros-protestam-pelo-pais-contraproibicao-da-vaquejada.html>. Acessado em: 24 de agosto de 2023.

Vaquejada: o conflito em torno da banda larga fixa Resenha Desafios no caminho do acordo do clima, Criadores e vaqueiros pelejam na arena política, Brasília – DF, Ano 8 – Nº 31 – Abril de 2017.

VIEIRA, Isabelle Almeida; PICCININI, Pedro Ricardo Lucietto. A inconstitucionalidade da “vaquejada” segundo o STF e o posterior efeito backlash no congresso nacional. **Revista de estudos jurídicos do superior tribunal de justiça**. 2020.

VILAR, Isabela. Legalização das vaquejadas divide opiniões. 2016. **Senado notícias**. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2016/11/01/legalizacao-das-vaquejadas-divide-opinioes>. Acessado em 1 de janeiro de 2024.

FONTES ORAIS

VAQUEIRA FERNANDA. Entrevista de história oral concedida à autora em ambiente de trabalho, abril de 2024. Zona rural.

VAQUEIRA LÍVIA. Entrevista de história oral concedida à autora em ambiente de trabalho, abril de 2024. Zona rural.

VAQUEIRA MARIA. Entrevista de história oral concedida à autora em ambiente de trabalho, abril de 2024. Zona rural.

VAQUEIRA MARIANA. Entrevista de história oral concedida à autora em ambiente de trabalho, abril de 2024. Zona rural.